Alberto S. Galeno
Da Comissão Cearense de Folclore

SECA E INVERNO NAS "EXPERIÊNCIAS" DOS MATUTOS CEARENSES

Fortaleza - Ceará
1998

Alberto Santiago Galeno

Seca e inverno nas "experiências" dos matutos cearenses

Fortaleza – Ceará
1998

Copyright ©© 1998, by Alberto Santiago Galeno
Gráfica do Sindicato dos Bancários - Fortaleza

Coordenação: Fco Lima Freitas
Revisão: Eliane Arruda
Editoração: Isaías Q. Ferreira Lima
Impressão: Gráfica do Sindicato dos Bancários

Direitos Autorais
Alberto Santiago Galeno

(Catalogação na BPGMP, CE)

Galeno, Alberto Santiago
G153s - Seca e inverno nas "experiências" dos matutos
cearenses/Alberto Santiago Galeno.-Fortaleza: Coopcultura, 1998
97 pgs.
1. Folclore cearense – I – Título .
CDD. 398

Índice

1. Em louvor a...
2. Sobre secas e invernos
3. A problemática dos invernos no Ceará - As previsões de chuvas - Crendices
4. Santa Luzia - A experiência das seis pedrinhas de sal
5. Um aniversariante muito querido dos cearenses: São José, o Santo das Chuvas, Padroeiro do Ceará - A experiência com o Santo - O roubo da imagem
6. Os festejos no Abolição - Milagre de São José: Inverno, apesar dos prognósticos em contrário do CTA
7. Outras experiências de natureza metereológica: a presença do Aracati; as manchas solares; a posição da papa-ceia; as chuvas e os relâmpagos no Piauí; nevoeiros em redor da Lua.
8. As plantas e os animais nas experiências de inverno dos sertanejos
9. Roque de Macedo, o Profeta das Chuvas, e suas experiências de inverno
10. A vez do insetos
11. Os batráquios, anunciadores de chuvas
12. As cobras e os lagartos nas experiências de inverno
13. Roque de Macedo e os profetas de chuvas
14. Onde a macheza do preá?
15. A sensibilidade dos roedores ante às mudanças do tempo

16. Abusões
17. Peixes, moluscos e crustáceos nas experiências de inverno
18. A esperiências com as águas subterrâneas
19. Aves pássaros, seus cometimentos, sua participação nas experiências de inverno
20. As experiências de inverno na poesia dos violeiros e cordelistas do Ceará e do Nordeste - O viver e a arte dos poetas populares
21. O sabiá quando canta
22. A asa-branca, um símbolo para os nordestinos
23. As rolinhas
24. O jumento e sua trajetória: das experiências de inverno à poesia de cordel
25. Sertão, inverno e bonança na poesia dos violeiros
26. O telúrico na poesia de Joaquim Anastácio
27. As experiências de inverno no cordel de Lobo Manso
28. A seca, o inverno, os usos e costumes dos cearenses na poesia de Juvenal Galeno
29. A seca no imaginário do poeta José Ribeiro de Matos
30. Notas

Em Louvor

A Roque de Macedo, o intérprete dos bichos e das plantas, perfeita imitação de São Francisco de Assis;

aos confrades da Comissão Cearense de Folclore;

às beletristas da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, continuadoras da obra de Henriqueta e Nenzinha;

às alunas do Curso de Letras da UECE – na pessoa de Soraya Pacheco, pelos incentivos a nós dispensados;

ao historiador Geraldo Nobre e demais papeadores do Banco da Praça do Ferreira, continuadores de uma velha tradição da Cidade do Forte.

A todos às homenagens do

Autor

Joaquim Roque de Macedo

Sobre secas e invernos

Com o texto que iremos ler, pretendíamos participar de um concurso sobre temas folclóricos, a realizar-se no Rio de Janeiro, isso no ano de 1984, entretanto não logramos chegar a tempo, o que nos valeu perdermos o certame. Não desvanecemos. Guardamos os originais e ficamos aguardando outra oportunidade para torná-los conhecidos. Agora que se fala em uma nova seca no Nordeste, achamos de retirá-los da gaveta e apresentá-los aos leitores. Sabemos, de antemão, que muitas das abusões, registradas nestes escritos, já não têm cabimento nos dias atuais. Que os matutos, graças principalmente aos meios de comunicação, tornaram-se menos crédulos e muitos dos espécimes vegetais e animais figurantes em suas experiências de inverno, hoje dificilmente serão encontrados, face à destruição parcial da fauna e da flora cearense. Mesmo assim, entendemos que o texto em discussão não perdeu a sua oportunidade. Ele merece ser examinado. Nele está contido todo o empiricismo dos nossos matutos.

Fortaleza, janeiro de 1998.
A. J. G.

A problemática dos invernos no Ceará – As previsões de chuvas – Crendices

Um dos problemas que mais afligem aos cearenses – o maior, talvez, de todos – diz respeito às precipitações pluviais. É o problema da água, dos invernos. Saber se choverá ou não com regularidade no ano seguinte, eis a grande incógnita a ser desvendada o quanto antes. Os homens de ciência fazem os seus cálculos, suas previsões meteorológicas, contestadas, geralmente, pelas camadas incultas da população. – Da cumieira para cima só quem sabe é Deus, - costumavam dizer os antigos sertanejos, mas não será dos homens de ciência que iremos nos ocupar, nesta escritura. Buscaremos fazê-lo, de preferência, com as pessoas simples, os homens e as mulheres do povo, tendo em vista as suas crendices, abusões e experimentos de ordem meteorológica, notadamente, uma prática empiricista dos nossos sertanejos, conhecida como "experiências" de inverno, fruto de pacientes observações feitas no correr dos séculos e transmitidas de geração a geração. Ocorre, no Ceará, que os problemas de ordem meteorológica são confundidos, freqüentemente, com os de ordem religiosa. Para os matutos simplórios, os bons invernos constituem presentes com os quais o Onipotente premia os homens pelas suas boas ações. Da mesma

maneira que as secas significam o castigo. (1) Entretanto Deus em sua sabedoria e bondade, antes de premiar ou de castigar as criaturas, resolve avisá-las a fim de que estas se cuidem. E o faz, utilizando-se de certos sinais de natureza meteorológica ou, ainda, através do comportamento dos bichos e dos vegetais, durante as estações do ano. Conhecer estes sinais, saber interpretá-los com acerto é de maior importância para os rurícolas da região das secas, pois, como base das "experiências" de inverno, representam eles uma orientação a ser seguida. Ou porque lhes sobre tempo, ou porque sejam as crises climáticas o flagelo que mais os atemoriza, o fato é que passam os sertanejos cearenses a maior parte do ano entregues a tais especulações. Mesmo quando as "experiências" mostram-se negativas, eles não se dão por vencidos. Insistem. Fazem promessas com os santos de sua devoção: São Francisco de Canindé, São José e até o Padre Cícero do Juazeiro. Que intercedam junto ao Onipotente, no sentido de que Este revogue a sentença terrível que seria a deflagração da seca e permanecem nesta expectativa, sem querer admitir o que seria um desastre terrível, até a segunda semana de março – dia 19 – data aniversária de São José, quando surge afinal: inverno tardio ou seca em definitivo. (2) Joaquim Roque de Macedo, farmacêutico licenciado e funcionário do Telégrafo

Nacional, falecido recentemente em Fortaleza, já octogenário, era grande apologista e divulgador das "experiências" de inverno de seus conterrâneos. Todos os anos, quando o verão se tornava mais intenso, ele dava entrevistas aos jornais e rádios da capital cearense, anunciando as previsões de chuvas dos matutos para o ano seguinte. Havia quem o chamasse de "Profeta das Chuvas", cognome que Roque se negava em aceitar, pois afirmava não ter a pretensão de adivinho. Apenas divulgava "aquilo que Deus anunciava, servindo-se dos bichos e das plantas".

Santa Luzia
A experiência das seis pedrinhas de sal.

Das experiências de inverno, envolvendo santos da Igreja, uma das mais conhecidas no Ceará é a de Santa Luzia, posta em prática no dia 12 de dezembro, ao anoitecer. Nesta ocasião, os consulentes da Santa colocam ao relento seis pedrinhas de sal de cozinha, seguidas da esquerda para a direita e representando os meses de janeiro a junho, quando ocorre a fase invernosa. No dia seguinte, volta-se ao local com o fim de examinar qual a situação das pedrinhas de sal. Caso estas permaneçam intactas, significa mau sinal. Sinal de seca. Caso haja se dissolvido, durante a noite, a primeira das pedrinhas é sinal de que choverá no mês de janeiro; caso a segunda, sinal de que choverá em fevereiro. Caso todas ou a maior parte das pedrinhas de sal, sinal de que haverá um bom inverno no ano vindouro, (3) todavia é de pouca credibilidade entre os sertanejos o vaticínio das pedrinhas de sal de Santa Luzia. Eles consideram a experiência como se fosse, uma brincadeira, uma adivinhação. O que já não ocorre com a experiência do dia de São José. Não chovendo na data aniversária do Padroeiro – 19 de Março – ficam dissipadas as últimas esperanças de inverno dos cearense. É a seca. (4)

Um aniversariante muito querido dos cearenses: São José, o santo das chuvas, padroeiro do Ceará – A experiência com o santo – O roubo da imagem.

No Ceará são festejados entre novenas, missas e procissões, vários dignitários da Igreja. Em Canindé, é São Francisco das Chagas. Centenas de milhares de romeiros acorrem de todo o Nordeste, uma vez por ano, com o fim de pagar promessas ao Santo. O mesmo ocorre na cidade de Juazeiro, com o Padre Cícero Romão Batista, um santo que, embora não reconhecido pelo Papa, logrou, no entanto, ser canonizado pela gente simples dos sertões, todavia nenhum destes dignitários consegue igualar-se a São José na devoção dos cearenses. Não é por acaso que um sem número de coestaduanos lhe adotaram o prenome na pia batismal, numa demonstração inequívoca de admiração e reconhecimento ao Senhor das Chuvas. (5) Como Padroeiro do Ceará, São José tem a sua data natalícia – 19 de Março – oficializada por lei feriado estadual. É um dia de festas sem igual para o povo cearense, o Dia do Padroeiro. Por sinal, coincide com a passagem do Equinócio. As vilas e cidades cearenses amanhecem embaixo do papoucar dos foguetes, numa manifestação ensurdecedora que se prolonga até o entardecer, quando ocorrem as procisões, entretanto estas manifestações de

devoção e louvor decorrem, muitas vezes, entremeadas de sérios temores. Isso acontece nos anos de invernos tardios, quando as chuvas ainda se acham por chegar. Então a data natalícia do Padroeiro surge como a última esperança. De acordo com a experiência dos sertanejos, não chovendo até o anoitecer do 19 de Março, o ano será de seca. Para que não ocorra tamanha desgraça, ficam todos em meio da mais enervante das expectativas, a esperar pelo milagre que, nem sempre, chega: o milagre das chuvas. Vozes elevam-se no ar, entoando uma litania cuja finalidade é a de fazer com que o Santo se condoa da sorte de seus devotos e consiga do Onipotente que revogue a decisão antes adotada: - Dai-nos chuva São José é é / Pai amante e piedoso! Mas nem sempre acontece o milagre das chuvas. Quando não chove na data aniversária do Padroeiro do Ceará, o fato é tomado como uma declaração de seca. Dias depois, são muitos os que se encontram de arribada para as cidades, na busca de salvação. Mesmo porque nunca se viu na região o inverno começar depois do mês de Março. Ele começa, o mais tardar, neste mês para findar em junho ou meados de julho. Quanto a São José, existe ainda a crendice segundo a qual se alguém furta a imagem do Santo, este se vê forçado a mandar as chuvas a fim de que o libertem o quanto antes. O furto se dá sempre que não chove em dezembro, janeiro e fevereiro,

permanecendo no ar a ameaça de seca. É quando alguém retira, às escondidas, a imagem do Santo, sob a condição de trazê-la de volta no dia do seu natalício, caso haja até então começado o inverno. Durante o tempo de retenção, o vulto de São José é conservado às escondidas, em completo aprisionamento, até que obtida a graça, a imagem é conduzida em procissão pelos fiéis ao local de onde foi retirada. São muito comuns estes atos de fé no Ceará, tanto nas cidades do interior como na capital. Em Fortaleza, no ano de 1985, teve lugar, no bairro do Bom Sucesso, uma procissão em homenagem ao Padroeiro do Estado, a qual surpreendeu pelo seu ineditismo. É que São José, Maria Santíssima e o Menino Jesus apareciam representados ao vivo, através de pessoas escolhidas entre a massa de fiéis. Estes se mostravam radiantes de felicidade, pois o inverno de 1985 havia começado cedo, isso após quatro anos terríveis de seca.

Os festejos no Abolição – Milagre de São José – Inverno, apesar dos prognósticos em contrário do CTA.

Como fizemos ver anteriormente, a crença quanto à interferência divina, nos fenômenos de ordem climática, conta, no Ceará com adeptos em todas as camadas sociais. Ricos e pobres, letrados e iletrados acreditam, em sua maior parte, nos poderes extraordinários de São José, rendendo-lhe culto e suplicando-lhe as benesses para o Ceará. Fazendo coro com os demais, figuravam entre os devotos do Padroeiro, o Governador Virgílio Távora e sua consorte, Dona Luisa, os quais, malgrado haverem assumido o poder e governado longe das graças do Senhor das Chuvas, nem por isso o desacreditavam. Todos os anos, a data natalícia do Padroeiro era comemorada festivamente no Palácio da Abolição. Os escribas palacianos improvisavam benditos ao dignitário do Céu, sem que se esquecessem de tecer, de mistura, loas também aos dignitários do Poder temporal. (6) Os atos religiosos tinham lugar no pátio do Palácio, contando sempre com as presenças de muitas e muitas pessoas gradas, contudo os apelos dos devotos do Santo deixavam de ter atendimento, pois atravessava o Nordeste uma calamidade sem precedentes. Quatro anos de seca tinham se passado e naquele ano – 1984 – de acordo com os especialistas do CTA (Centro Tecnológico

Aeroespacial), também não haveria inverno. Ora, os técnicos do CTA vinham até então acertando em suas previsões sinistras com a mais absoluta precisão. Isso fazia crer que iriam acertar mais uma vez, o que significaria uma calamidade de efeitos inimagináveis para a região. Depois de quatro anos seguidos de flagelo, os açudes se achavam secos, pairando igual ameaça, sobre os grandes reservatórios, como o Orós e o Banabuiú. Mais um ano de seca significaria, certamente, o fim da própria espécie humana em terras do Ceará, contudo os devotos do Santo, longe de se deixarem vencer pela descrença, continuavam a rezar e a clamar por chuvas. Até que no 19 de Março de 1984, aniversário do Padroeiro, aconteceu fato considerado por muitos como um verdadeiro milagre: começou a chover. A chuva caía aos borbotões, dissolvendo a cerimônia religiosa que se realizava no pátio do Palácio da Abolição, em Fortaleza. Milagre! Milagre! Gritavam, a uma só voz, os áulicos palacianos. Estavam, pois, superadas as previsões em contrário do Centro Técnico Aeroespacial para aquele ano. A caatinga de repente reverdeceu. Os açudes sangraram. E 1984 – embora os prognósticos em contrário dos técnicos do CTA – foi um ano de excelente inverno no Ceará. Ocorre que não era esta a primeira vez que os homens de ciência, com seus prognósticos de natureza meteorológica, enganavam-se.

Outros lapsos deploráveis haviam antes se registrado, fato que dava argumentos àqueles que desacreditavam nos avanços das ciências.

Outras experiências de natureza meteorológica – A presença do Aracati – As manchas solares – A posição da Papaceia – As chuvas e os relâmpagos no Piauí – Nevoeiros em redor da lua

Mas deixemos de lado as experiências de inverno (7) creditadas a Santa Luzia e a São José. Passemos a outras também de natureza meteorológica. Acreditam os sertanejos cearenses que a presença do vento Aracati (8) em tempo de inverno, é sinal de seca. O vento carrega as nuvens, dizem eles. Tivemos – foi em dezembro de 1931 – oportunidade de assistir a uma impressionante demonstração de credibilidade em tal experiência. Na praça principal da cidade de Lavras da Mangabeira, uma multidão de matutos aguardava a entrada do ano de 1932, entretanto – fato curioso – muitos, ao contrário do que seria se esperar, demonstravam nas fisionomias tristeza ou apreensão. É que em derredor, o Aracati soprava forte, cobrindo a todos de poeira. Repetiam-se as indagações: - O que diz o compadre desse tempo? – Com esta ventania?

Ora, vento em tempo de chuva é sinal de seca. É uma experiência que em nunca vi falhar. Não se enganaram, os que assim prognosticaram, porque, em 1932, desabou sobre o Nordeste, uma das piores secas do século atual. Outra experiência muito creditada era a das manchas solares. Se, ao nascer do Sol, nos primeiros dias de janeiro, a barra do Nascente se apresentasse coberta de manchas vermelhas, excelente sinal. Sinal de inverno! Se, ao contrário, se apresentasse limpa, sinal de seca. Os que acreditavam na experiência costumavam demorar os primeiros dias de janeiro de olhos na barra do Nascente, somente desistindo da vigília, depois de confirmados ou não, os seus prognósticos. Por sua vez não são poucos, os que tomam por base de suas experiências as chuvas no Piauí, porque, segundo eles, o inverno antes de chegar ao Ceará começa no Piauí. Por isso alegram-se confiantes, sempre que ouvem dizer que se encontra chovendo no vizinho Estado ou, simplesmente, que se encontra relampeando para as bandas do Piauí. Também a estrela d´alva, a papa ceia dos matutos cearenses. Ouvimos em Paracuru, no ano de 1967, o vaqueiro Vicente Piauí dizer para alguns roceiros temerosos com o atraso das chuvas, que o inverno daquele ano não havia começado, porque a papa ceia não havia passado do meio do Céu. Logo que ela o fizesse, o inverno começaria. Coincidência ou não, o

fato é que houve inverno naquele ano. Por último, temos as experiências com a Lua. Nos anos de inverno, formar-se-iam nevoeiros em forma de lagos ao redor do satélite da Terra, isso nos primeiros meses do ano. Céu limpo nessa época, presságio de seca.

As plantas e os animais nas "experiências" de inverno

Todavia não se encontra no Céu, o campo maior das experiências de inverno dos nossos sertanejos. Este, vamos encontrar, mas nos próprios locais de vivência dos rurícolas, entre plantas e animais silvestres, "criaturas de Deus" e por Ele escolhidas, de acordo com a crendice, como elo de ligação entre a divindade e os homens. É, pois, da maior importância, saber interpretar o comportamento dos referidos espécimens, durante os meses de verão, base da maior parte das experiências de inverno. Isso dito, vejamos o significado de alguns destes sinais tomados nas experiências de secas e de invernos: a canafístula gotejando água pelas folhas durante os meses de outubro e novembro, (10) ótimo sinal de inverno para o ano seguinte; o pau-de-mocó com boa floração nos últimos meses do ano, também sinal de inverno. A jitirana florando fora de tempo, sinal de seca; o mata-pasto

florando em meio ao inverno, sinal de suspensão das chuvas. (Matápasto florou, inverno acabou, dizem os matutos). Existe a crença, segundo a qual no ano em que o angico deita muita resina, no ano seguinte haverá bom inverno. Se o pau-d´arco roxo flora, entre os meses de junho e julho e segura a carga, bom sinal de inverno para o ano seguinte. Por sua vez, o cajueiro se flora no começo do verão, sinal de inverno cedo. Mau agouro se descobre na umarizeira, no ano em que esta árvore deixa de frutificar, ou se apresenta com um reduzido carregamento de frutos. Isso significará seca para dentro em breve. Já o contrário, dá-se com o cumaru, árvore de grande emprego industrial. Segundo a crença, quando o vegetal flora em fins de inverno e segura a carga, o ano seguinte será de seca ou de inverno escasso. Bom sinal de inverno para o ano seguinte, vamos encontrar nos juazeiros, quando estes apresentam as copas refrigeradas durante as ardentes tardes do verão sertanejo. A mesma experiência é válida também para as catingueiras, árvores que, a exemplo dos juazeiros, são dotadas de densas folhagens. Bom augúrio sempre que as copas se apresentarem úmidas e refrigeradas nos meses de canícula. Outras experiências muito acreditadas dos sertanejos dizem respeito à floração e frutificação das carnaubeiras, aroeiras, juazeiros e umarizeiras. Sempre que as referidas árvores florescem e frutificam com

abundância, sinal de excelente inverno para o ano seguinte. No tocante às especulações com os animais, o critério não varia: o da proliferação. Este ou aquele bicho aparecendo acompanhado de muitas crias em determinada estação do ano, sinal de bom inverno para o ano seguinte. Roque de Macedo, grande divulgador das experiências de inverno de seus conterrâneos, ia mais longe. Ele dava especial importância ao comportamento dos pebas em fins de ano. Peba de carrapato na barriga é sinal de inverno, sentenciava o velho sertanejo. Isso, para concluir: "quando o carrapato subir da barriga para o sovaco dos pebas, a chuva cairá". (11) Outros bichos tais como os tatus, os gatos-maracajás e as cobras, quando acompanhados de muitos filhotes no verão, sinal de bom inverno no ano próximo.

Roque de Macedo, o profeta das chuvas, e suas experiências de inverno

Sempre que se fala em experiências de inverno no Ceará, surge de imediato a lembrança de Joaquim Roque de Macedo, o maior divulgador que já se conheceu desse tipo de especulação. Era de ver-se o sertanejo imbatível, alto, magro, o nariz adunco, o que fazia lembrar uma dessas aves anunciadoras de chuvas, tão queridas dos sertanejos, a assegurar, confiantes, a proximidade dos invernos. Daí o apelido que lhe botaram de Profetas das Chuvas, contra o qual ele reagia prontamente, pois, segundo afirmava, não tinha a pretensão de adivinho. Apenas informava a seus conterrâneos aquilo que os bichos e as plantas – criaturas de Deus – estariam avisando aos homens. E enumerava uma a uma as suas experiências de inverno. Destas, a mais curiosa, certamente, era aquela do peba de carrapatos na barriga, valendo a incidência, como sinal de inverno. Quando os carrapatos subissem da barriga para o sovaco do animal – ainda de acordo com a experiência – as chuvas chegariam. (12) Não eram apenas os pebas com seus carrapatos, os anunciadores de chuvas creditados pelo Roque. Ele acreditava ainda noutros sinais que se encontrariam no comportamento fora do comum de bichos tais como as marias – catacas, os gatos-do-mato, os cupins,

as formigas-de-roça e numerosos outros animais silvestres. Ou de vegetais como os juazeiros, as catingueiras, os paus-d´arco (ipês), as carnaubeiras e tantos e tantos outros espécimens que, enumerados um a um, formariam verdadeira floresta. Era tão estrambótico empiricismo que ele, Roque, com a determinação de um Galileu Galilei atrevia-se a defender ante os ditos e as risotas dos incrédulos em plena Praça do Ferreira, em Fortaleza, no mesmo local onde, certa vez, nem o Sol fora poupado. Sim, vaiaram estrepitosamente o Rei dos astros, quando este reapareceu, depois de uma semana de ausência, encoberto pelo nevoeiro. Tudo porque não podiam admitir que na Terra do Sol, este andasse sumido. Coisa de cabeças-chatas. O nosso Roque, longe de se atemorizar ante seus irreverentes contestadores, defendia em alto e bom som a sabedoria dos bichos do mato, seus orientadores. Se alguém insistia negando aos pebas e aos demais habitantes da caatinga, o dom de prever as mudanças climáticas, ele voltava-se imediatamente contra os doutores das ciências, uns pretensiosos metidos a sabichões e que, no entanto, de nada sabiam. Para confirmar o que dizia, citava o episódio acontecido por ocasião do açude Poço dos Paus, em 1919. O engenheiro inglês havia armado o seu instrumental um pouco abaixo da grande barragem, jamais concluída. Eis que chega um trabalhador da construção a

preveni-lo: - Doutro, é bom Vossa Mercê retirar seus teréns daí, porque hoje de noite vai chover; - Qual nada, caboclo - respondeu o gringo. Isso que você vê ali é um pluviômetro. Ele está acusando: vento Leste, tempo seco sem previsão de chuvas. O caboclo ia andando, quando o inglês o chama. - Diga-me uma coisa! em que se baseia você para dizer que hoje à noite vai chover? - Por causa do jumento, doutro. (13) Veja como ele está suado. Ora, jumento suando na sombra é sinal de chuva. É uma experiência que eu nunca vi falhar. O gringo riu a mais não poder do que acabava de escutar. Acontece que no dia seguinte era o caboclo quem ria da sabedoria do inglês, porque, durante a noite, caiu um toró de matar sapo afogado. E os teréns do doutor, conforme previra o caboclo, tinham desaparecido levados pela correnteza. O conhecimento dos homens é assim - finalizava sorrindo o nosso Roque de Macedo. No que pesasse a sabedoria dos bichos de Roque de Macedo, sucede que estes nem sempre eram exatos, como pretendia o incansável propagador das experiências de inverno dos nossos matutos. Haja vista o inverno de 1954, que ele afirmara ser um excelente inverno, não passara, na verdade, de um inverno falho, ou "vasqueiro", para usarmos da terminologia empregada pelo próprio Roque, no entanto este e outros equívocos porventura cometidos pelos pebas e as marias-catacas do

Profeta são dispensáveis, frente a equívocos ainda maiores cometidos pelos técnicos das ciências. É o que se pode constatar, frente às previsões do Serviço de Meteorologia da Paraíba para o ano de 1932, publicadas no Diário Oficial daquele Estado, em começo do referido ano. Na publicação em apreço, que se fazia dirigida ao Ministro da Agricultura, eram previstas para o ano de 1932, "chuvas copiosas e, possivelmente, enchentes para todas as zonas do Nordeste". (14) Ora, como se sabe, 1932 foi ano de seca terrível em todo o Nordeste. Por sua vez, o Centro Tecnológico Aeroespacial de Campinas - São Paulo - incorreu em erro não menor, ao anunciar recentemente que o ano de 1984 seria de seca no Nordeste. Ao contrário, o que se viu foi um excelente inverno, isso após quatro anos de seca, estes sim, previstos com absoluta precisão pelo CÍA. O prestígio de Roque de Macedo, como entendedor das mudanças do tempo, firmara-se definitivamente, frente a seus conterrâneos. Para os citadinos, ele era o Profeta das Chuvas, mas, para os matutos, um conhecedor dos segredos dos bichos e das plantas que, melhor do que os homens sabiam da proximidade ou da ausência das chuvas. Era como conhecedor de tais segredos que o consultavam todos os anos, principalmente, quando a chegada das chuvas tornava-se duvidosa. Os jornais de Fortaleza costumavam entrevistá-lo em tais ocasiões. A palavra do

Profeta das Chuvas ganhava espaço nos meios de comunicação, tanto nacionais como até do estrangeiro. Certa vez, foi a prestigiosa BBC (British Broadcasting Corporation) de Londres, que transmitiu a seus milhões de radiouvintes espalhados pelo mundo, a palavra do intérprete dos bichos e das plantas do sertão cearense. A palavra de Roque era, via de regra, uma palavra de fé e de esperança. Ele evitava, sempre que possível, falar em seca, palavra que a todos metia medo. Falava, mas em invernos, uns bons; outros criadores; outros, simplesmente vasqueiros. Como as secas nem sempre fossem totais, Roque e seus bichos raramente erravam em seus prognósticos de inverno. Roque de Macedo faleceu em Fortaleza aos 86 anos de idade, no dia 12 de janeiro de 1985. Morreu feliz, o velho sertanejo para quem as chuvas constituíam o melhor tesouro do mundo. Chovia copiosamente em todo o Ceará. O inverno daquele ano havia começado cedo. Isso, logo após quatro anos de seca e de sofrimento para os nordestinos.

A vez dos insetos

Os insetos ocupam lugar destacado nas experiências de inverno dos sertanejos cearenses. Vejamos, a começar pelas formigas, os cupins e as abelhas, os quais pertencendo a um tipo de sociedade animal perfeitamente organizada, mostram-se por demais sensíveis às mudanças do tempo. Roque de Macedo que foi antes de tudo um paciente observador, fala-nos do comportamento das formigas, na antevéspera da estação invernosa. Elas intensificam o seu ritmo de trabalho, sempre que pressentem a proximidade das chuvas, conduzindo para os formigueiros a maior quantidade possível de alimentos. Enquanto isso, a entrada deles era reforçada com várias camadas de areia a fim de impedir a penetração das águas. (15) Certo roceiro do vale do Jaguaribe, citado por Josa Magalhães, afirmava encontrar no comportamento das formigas uma de suas infalíveis experiências de inverno. Se ao quebrar um pau seco, este se encontrasse cheio de formigas criando asas, sinal de inverno para o ano seguinte. Fato corriqueiro, no interior cearense, é o das formigas criarem asas ao cair das primeiras chuvas. Isso acontece, principalmente, com as saúvas. No Ceará, conhecidas como formigas da roça. Elas criam asas e voam aos bandos. Antes lhes crescem as partes inferiores dos corpos, isso as

torna bojudas. São as tanajuras, por demais apreciadas dos nativos da serra da Ibiapaba. Eles saem a derrubá-las, munidos de palhas de coqueiro, enquanto cantam uma toada alusiva à ocorrência: "cai, cai tanajura, que teu pai tá na gordura". Ainda quanto às formigas da roça, outro sinal indicativo de inverno para o ano seguinte, vamos encontrar, quando as ditas cujas expelem dos formigueiros, durante o verão, os restos de alimentos ali armazenados. Existe ainda a crença de que nos anos em que as tanajuras gordas predominam sobre as magras, o ano é de bom inverno. O inverso, quando as magras predominam sobre as gordas. Também é crença que aparecendo tanajuras em abundância, logo após as primeiras chuvas, estas desaparecerão temporariamente. Quanto aos cupins... É voz corrente entre os nossos matutos que quando criam asas é sinal de chuvas iminente. Deixando de lado as formigas e os cupins, passemos às abelhas, insetos tão organizados grupalmente quanto os primeiros. Roque de Macedo enumerava entre os prognósticos de bom inverno que fizera para o ano de 1954, (16), o fato de se acharem as abelhas de ferrão trabalhando ativamente e os maribondos de chapéu se aproximando das casas das fazendas. Por sua vez, Josa Magalhães (1) relata-nos várias das experiências dos sertanejos de Canindé e da Mombaça, tendo por base o comportamento das abelhas, experiências

das quais este escrevinhador teve ensejo de constatar várias delas muito acreditadas entre os matutos de Lavras da Mangabeira, na parte sul do Estado, o que demonstra o alcance das referidas experiências de inverno. Uma delas é a de que acontecendo nos fins de ano de ser fino o mel das abelhas e mole a cera que o acompanha, o inverno seguinte será dos melhores. Outra experiência: a abelha arapuá só engorda na proximidade das secas, portanto arapuá gorda, sinal de seca. Arapuá magra, sinal de bom inverno. No que diz respeito à abelha jandaira, acreditam os matutos que no ano em que ela cobre os filhos de cera, neste ano não haverá inverno. Se durante o verão, as abelhas enxamearem muito as entradas dos cortiços, isso significará bom inverno para o ano vindouro. Também é considerado bom sinal de inverno, a ocorrência das abelhas capuxu bebendo água nas cacimbas, isso entre os meses de setembro e outubro. Outras ocorrências que sucedem com as abelhas e que são consideradas, de acordo com as experiências de inverno, umas boas, outras más, vamos encontrar na presença ou na ausência do inseto em questão. É tido como sinal negativo a ausência das abelhas, pois, de acordo com a observação dos sertanejos durante as grandes estiagens, elas se escondem ou emigram. Ao contrário, constitui excelente sinal de inverno, a presença das abelhas em grandes exames. A propósito: a década de

1970 que foi toda ela de bons invernos para o Ceará, foi marcada pela presença das terríveis abelhas africanas, fugidas ao que se afirmava de um apiário em São Paulo, e multiplicadas de maneira assombrosa. Elas se constituiriam num verdadeiro flagelo para os nordestinos, invadindo os campos e as cidades, picando e até matando aos homens e aos animais. Suas maiores vítimas foram as abelhas nativas, exterminadas em grande parte, pelas invasoras. Já na década seguinte – década de 1980 – não houve excesso de abelhas, mas se iniciou castigada por um flagelo pior do que o das africanas: a seca. Foram quatro anos terríveis de estiagens, (de 1980 a 1983), fazendo com que desaparecessem, em grande parte, as plantas e os bichos tão queridos de Roque de Macedo.

Ainda sobre as abelhas: nos anos em que a vermelha, conhecida por cubatão, não aparece em fins de inverno, o ano seguinte será de seca. Sinal de bom inverno para o ano seguinte temos, quando as jandairas se reproduzem em grande quantidade, ou quando os enxus constroem suas colmeias nos lugares mais altos. Eles, como "Mensageiros do Onipotente", saberiam antecipadamente quais as próximas quedas pluviais. Se grandes ou pequenas. Sensíveis também às mudanças atmosféricas, seriam outros insetos, tais como as aranhas, o besouro serra-grosso e as mutucas. Pelo menos, era o que afirmavam muitos dos

nossos sertanejos, com a plena aprovação do sempre lembrado Roque de Macedo. Desta forma, é que certo tipo de aranha que habita no campo e lá constrói seus esconderijos, no ano em que constrói vários deles, em forma de círculo, sinal de muito bom inverno. Já as aranhas caranguejeiras costumam viver entocadas. Quando, porém, está para chover, elas abandonam seus esconderijos e põem-se a andar. É uma experiência de chuva que muitos consideram infalível. Ainda sobre os cupins: se em dezembro, o cupim já tem asas, o inverno vindouro será cedo e bom, porque cupim só voa com chuva. A mutuca é uma mosca sanguessuga que vive nas pastagens, atacando os animais, preferentemente as vacas e os cavalos. A sua ocorrência maior dá-se durante a fase invernosa. É crença de que aparecendo elas, em grande quantidade, logo depois de caídas as primeiras chuvas, o ano será de bom inverno. Encontra-se no sertão um besouro de tamanho avantajado, conhecido pelo nome de serrador, ou ainda de serra-grosso, cujo nome se deve ao fato de viver ele a serrar os galhos secos das árvores, produzindo cortes de alguns centímetros de profundidade. Dizem que no ano em que o referido besouro mostra-se muito ativo, o inverno seguinte é muito bom. Já o contrário dá-se com o besouro mangangá, famoso pela sua atuação como polinizador das nossas espécies vegetais. Trata-se de um inseto bastante desenvolvido,

guarnecido de temíveis ferrões e que ao voar emite um som característico, pois o mangangá, segundo é crença, voando baixo e em forma circular em tempo de inverno, as chuvas desaparecerão como por encanto. São estas as principais experiências de inverno conhecidas, nas quais figuram os insetos.

Os batráquios, anunciadores de chuvas

Os batráquios são por demais sensíveis às mudanças do tempo. Os sapos, as jias e as rãs que vivem socados em seus esconderijos durante as estiagens, deles se largam tão logo pressentem a proximidade das chuvas, ao mesmo tempo em que se põem a cantar em verdadeiras orquestrações. Ora, os sapos, as jias e as rãs grandes encontradas a cantar em tais ocasiões o fato é considerado, até certo ponto, como natural. O que não parece natural é quando encontrados a cantar antes de tempo. Teremos um sinal positivo de inverno para o ano seguinte. Roque de Macedo, em suas previsões de inverno para o ano de 1954, considerava um sinal promissor o fato de "os sapos cururus e as jias acharem-se de boca aberta no mundo", isso em pleno mês de dezembro, no seco, pois, ainda não havia chovido. A mesma opinião é sustentada pelo agricultor

Francisco Pinheiro de Souza, residente na serra do Machado, o qual ouvido pelo folclorista Josa Magalhães (18) foi taxativo: quando os cururus berram no seco, em dezembro, o ano seguinte é de bom inverno. Já um outro agricultor fazia fé nas jias. Estas cantando em tempo de verão, é sinal de bom inverno para o ano que se aproxima, concluiu o entrevistado.

As cobras e os lagartos nas experiências de inverno

Nem mesmo as cobras venenosas – no que pese a sua periculosidade – escapam da observação percuciente dos nossos matutos. Está no caso, entre outras, a cobra cascavel, um ofídio de picada mortal. Os roceiros cearenses acompanham cuidadosamente o seu comportamento, antes e depois de abatê-las. Isso lhes permitiu chegar a constatações como estas: que antes de uma seca não há quem mate uma cascavel, pois a cobra não aparece, preferindo ficar metida nos buracos. Quando elas se dispõem a deixar as tocas e a caminhar, logo aparecem as chuvas. São depoimentos colhidos de vários roceiros pelo folclorista Josa Magalhães. (19) Assim é que no mês de julho de 1949, conforme um dos depoentes, apareceram muitas cobras nos roçados. E já no ano seguinte – 1950 –

era um ano de muito bom inverno. Outro sinal considerado anunciador de inverno é quando as cobras trepam-se nas árvores, enroladas umas nas outras. Roque de Macedo, por sua vez, assegura que as cascavéis estando gordas e acompanhadas de filhotes em fins de ano, é sinal de bom inverno para o ano seguinte. (20) Não menos curioso do que o comportamento dos ofídios, ante as precipitações pluviais, é a maneira como se conduzem os lagartos. Desta forma é que os camaleões, dando mostras de bons meteorologistas, costumam desovar cedo, antecipando-se à chegada das chuvas. Já em outubro, quando se prenuncia bom o inverno do ano seguinte, ele se encontra a depositar seus ovos nas barreiras dos riachos. Fato não menos curiosos é o de preverem os camaleões até onde chegarão as enchentes, colocando os ovos a salvo das águas. E as lagartixas? Estas costumam realizar verdadeiras acrobacias, despencando-se do alto das paredes para caírem incólumes no chão, quando percebem a proximidade das chuvas. (21) Encontra-se no Ceará um lagarto apatacado conhecido por tejo, ou tejuassu. Ele se alimenta de formigas e dos ovos de pintos que rouba das galinhas. O tejuassu se destaca dos demais lagartos pela sua valentia. Ele não torce caminho sempre que se depara com uma cascavel. Enfrenta o ofídio e só abandona o campo de luta, depois de havê-lo derrotado. O tejuassu, a

exemplo das cobras, costuma entocar-se na época das secas, somente reaparecendo quando chegam as chuvas.

Roque de Macedo e os profetas de chuvas

Tinha sobradas razões, o nosso Roque de Macedo quando recusava o tratamento de Profeta das Chuvas, que era como o chamavam os profissionais da imprensa e do rádio. Isso, simplesmente, por não se julgar um adivinho ou um iluminado, mas um mero conhecedor do comportamento dos bichos e das plantas, como também de determinados sinais de ordem meteorológica. E, quando lhe perguntavam onde e com quem havia aprendido os conhecimentos de que fazia fé, ele com a humildade dos simples respostava que vivendo, lutando e convivendo com os homens, as plantas e os bichos, seus irmãos naturais. Ademais, que não era um privilégio seu o de conhecer as experiências de inverno, pois quando viera ao mundo, seus antepassados já as conheciam. Era uma confissão por demais diferente da usada pelos profetas de chuvas. Estes, pelo contrário, se faziam passar por uns sabichões e uns iluminados. Enquanto isso, usavam na mais das vezes, o seu charlatanismo para extorquir dinheiro dos matutos incautos. Nas feiras do Cariri, eles eram vistos antigamente a vender suas profecias impressas em forma de cordel e acompanhadas, geralmente, de orações nas quais eram invocados os santos da Igreja. Mas em que se baseavam, em suas afirmações, os profetas de chuvas? Havia os que

buscavam apoio noutras profecias, estas atribuídas aos frades missioneiros e conservadas, através do tempo, pela tradição oral. Eram pronunciamentos expressos numa linguagem cabalística, fruto de uma época obscurantista, prestando-se para diversas interpretações. Vejamos algumas delas: "Na era de 900, muito chapéu e pouca cabeça". Esta profecia, atribuída ao famoso pregador de missões frei Vidal da Penha, foi conservada pela tradição oral e contava com diversas interpretações. Queria significar mortandade, que tanto podia ser causada pela seca e as epidemias que as acompanhavam, como pela guerra. Assim é que no ano de 1932, que foi ano de seca e de guerra - seca no Ceará e no Nordeste e guerra civil em São Paulo - era a dita profecia muito recordada entre os sertanejos. Tivemos de ouvi-la, na época, em Lavras da Mangabeira, no interior cearense, e muitos anos depois, no bairro do Campo do Pio, em Fortaleza, repetida por Maria Isabel, antiga lavadeira, quase octogenária. Outra profecia, também atribuída a frei Vidal da Penha, era feita em forma de advertência: " Na era de 900, amola a faca pra tirar o couro". Esta, por sua vez é interpretada como prevendo a mortandade dos rebanhos, ocasionada pela seca. E mais: advertindo os criadores que se preparassem para tirar o couro das reses mortas em tais circunstâncias. Ainda no tocante à mortandade dos rebanhos, existe uma

profecia atribuída ao Padre Cícero do Juazeiro e ainda muito atual um menino encontrando o osso de um boi fica intrigado com o achado, sem saber do que se trata. Indaga de um ancião o que é aquilo. E o ancião lhe responde: - Menino, isso pertenceu a um animal que existiu antigamente chamado boi. (21) (De onde se conclui que a espécie bovina achava-se, desde há muito, condenada ao desaparecimento). Por falar no taumaturgo do Juazeiro: o Padre Cícero, cujo apostolado se fazia maior em terras de Alagoas, da Paraíba, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte do que no Ceará, gozava da fama de manda-chuva. É o que reza uma cantoria muito repetida pelos cegos e os aleijados nas feiras do Nordeste, cantoria na qual é relatado o castigo sofrido por um certo Irineu, um comerciante que vivia no sul de Pernambuco e que cometera a heresia de mandar comprar um tostão de chuva ao Padim Ciço Romão. Na história versificada, faz-se um relato completo do episódio. O recebimento da missiva pelo Patriarca do Juazeiro e a sua resposta verbal: não mandava um tostão de chuva. Só mandava três vinténs! Mas, que três vinténs de chuva foram estes que o sul de Pernambuco quase se acaba debaixo de tanta água. Castigo dos céus! Sim, castigo, não havia dúvida. As águas foram tantas que uma imaginária lagoa do Tombô - uma lagoa que nunca havia enchido - encheu desta vez como castigo, para acabar com

os bens do herege: uma loja de fazenda e três armazéns de fumo, pra deixar de ser besta e nunca mais zombar das coisas divinas. (22) Entretanto não seriam tão só os homens, os transmissores de profecias. Esse dom, em certos casos, seria transferido aos animais. Está no caso, o famoso garrote-falador, que teria aparecido no sertão da Bahia, no ano de 1943, o qual falando para um fazendeiro e o seu vaqueiro desembuchou uma longa profecia referente à Guerra e ao fim do Mundo. Isso, antes de se metamorfosear em um pavão e de alçar vôo para Roma, onde estaria a esperá-lo o Padim Ciço Romão. A fantasmagoria, na época divulgada pela imprensa sensacionalista do País, foi contada em versos pelo cordelista Lobo Manso. (23) Por ter aparecido numa época de guerra - 1943 - quando era temida a sorte da Humanidade, a profecia do garrote-falador, ou misterioso, meteu medo em muita gente, incauta e inculta. Conseguindo assustar aos matutos com suas terríveis previsões, referidos impostores nem sempre eram bem sucedidos com suas invencionices. Está no caso, certo profeta de chuvas que previra, em Aracati, no ano de 1923, que o ano seguinte seria de seca. Mais ainda: que beberia em um caneco toda a água da chuva que caísse naquele ano. Acontece que 1924 foi ano de inverno como nunca se vira igual no Ceará. Choveu tanto que as águas do rio

Jaguaribe invadiram a cidade de Aracati, alteando-se por sobre o casario. Surpreendido o adivinhão quando fugia, os moradores do lugar quase o matam nas águas do rio. Achavam-se, entre os profetas de chuvas, aqueles que pondo de lado as fantasmagorias, buscavam alicerçar seus pronunciamentos em publicações religiosas como o "Lunário Perpétuo", em Nostradamus, ou na crença, segundo a qual as secas repetir-se-iam de cem em cem anos, nos anos de igual terminação. Acontece que sendo uma constante as secas no Nordeste, conseguiam referidos adivinhos acertar, vez por outra, em suas previsões.

Onde a macheza do preá?

No imenso laboratório das experiências sertanejas, os bichos assumem as mais diversas formas de comportamento para anunciar a proximidade ou o afastamento das chuvas. Uns escondem-se; outros deixam de cantar; outros se multiplicam. Nenhum, entretanto, com forma de comportamento tão intrigante, quanto o preá. Referido animalejo, muito encontradiço nos capinzais, goza da fama de macho por excelência. Sempre no Ceará, quando alguém pretende exaltar a boa disposição de outra pessoa, diz que a dita cuja "é macho que só preá", todavia a macheza do preá fica apenas na multiplicação da espécie. Ele não é de briga, embora dotado de compridos dentes. A exemplo dos demais roedores, é dotado de grande fecundidade, e a tão exaltada macheza do roedor desapareceria por ocasião das secas. Foi o que nos assegurou o roceiro Pedro Izidoro, da fazenda Bonança, em Paracuru. Segundo o informante, tendo abatido vários preás machos por ocasião da última seca que flagelou o Nordeste (1980 a 1983), encontrou-os sem os escrotulos. As glândulas reprodutoras haviam-lhes desaparecido, mostrando-se vazios os sacos escrotais. A seca é assim, concluiu irônico o roceiro. Tira a macheza até dos preás. Antes, Josa Magalhães afirmara ter encontrado, no sertão,

quem lhe assegurasse a incidência de casos semelhantes, por ocasião das grandes estiagens.

A sensibilidade dos roedores ante as mudanças do tempo

Afora os preás, vamos encontrar nos baixios, nas caatingas e nos serrotes do Ceará, uma variedade de roedores nativos. Todos muito apreciados, tanto pelas cobras, como pelos caboclos da região. São os punarés, as cotias, os mocós, e os ratos vermelhos ou ratos da cana, assim chamados por serem muito encontradiços, devastando os canaviais. Estes roedores, que em certas épocas se reproduzem de maneira assombrosa, são muito sensíveis às mudanças do tempo. Notadamente o rato vermelho, ou rato da cana. Referido espécimem, conforme nos disseram em Paracuru, no sítio Bonança, mudava o ninho sempre que estava para chover. E, consequentemente, as águas que irrigavam o canavial teriam de subir de nível. Já com os mocós, acontecia desaparecerem, como por encanto, durante as estiagens. Assegurou-nos o caçador Manuel Valentim, em Juazeiro do Norte, nunca haver se deparado com um mocó ou uma cotia em tempo de seca. Eles, ao que tudo estava a indicar,

ou tinham arribado ou achavam-se escondidos por entre as pedras.

Abusões

Entre as muitas "experiências de inverno" dos sertanejos cearenses, assomam algumas que se nos afiguram como verdadeiras abusões. Vejamos algumas das ditas cujas, registradas tanto por Roque de Macedo como pelo folclorista Josa Magalhães, em seu magnífico trabalho intitulado "Previsões Folclóricas das Secas e dos Invernos no Nordeste Brasileiro", saído na Revista do Instituto do Ceará, edição de 1952. Senão, vejamos algumas. Ora, custa-nos admitir, como sinal de inverno, o fato de serem vistos pela madrugada os bacurins a divertirem-se, dando cambalhotas e a jogar palha no lombo, como pretende Roque de Macedo. Essa não, Profeta. Ou dos bois, por falta, certamente, de melhor alimentação, encontrarem-se a comer restos de ossadas. Ou, ainda, das galinhas assanhadas durante a noite, a fazerem visagens. Por último, essa do canindeense Assis Salgado, assegurando como os aviões afastavam as nuvens provocando as secas. E mais: que a fumaça dos aviões era como se fosse veneno para o gado, causando morrinha nos bois, que ficariam tristes e

arrepiados, terminando por se findar. São, como se vê, sinais por demais carentes de fundamento, verdadeiras abusões, portanto. Ou conversa para boi dormir, como costuma o povo dizer.

Peixes, moluscos e crustáceos nas experiências de inverno.

Os peixes, os moluscos e os crustáceos, a exemplo dos demais seres vivos, acham-se presentes nas experiências de inverno dos cearenses. Peixe ovado em fim de ano, segundo a crença, é sinal de bom inverno para o ano seguinte. Encontra-se nos rios e nos açudes do Ceará, um peixe muito apreciado do povo. É a curimatã, peixe que, em alguns casos, chega a pesar vários quilos. Quando, nas pescarias de dezembro para janeiro, são apanhadas curimatãs ovadas, os pescadores enchem-se de alegria. Sinal de bom inverno, exclamam eles a uma só voz. Por coincidência ou não, tem acontecido dar certo a previsão. Já a experiência com o aruá consiste no fato do molusco se despregar ou não com facilidade dos arbustos nos quais se fixa. Vive o aruá nas ribanceiras dos cursos d´água, onde deposita os ovos bem ao alcance dos peixes. Os ovos do aruá são vermelhos e de forma gelatinosa, muito

apreciados pelos peixes d´água doce. Daí o dito muito corrente no sertão: fulano é besta que só o aruá, que põe para os peixes comerem os ovos. Isso, entretanto, não impede que o molusco figure nas experiências de inverno. É crença que nos anos em que ele se desprega com facilidade dos arbustos, isso entre os meses de janeiro e fevereiro, o ano da ocorrência é de bom inverno. Foi o que ouvimos de vários rurícolas no município de Milagres, na zona sul do Estado. Já com os seres vivos que habitam no mar, dá-se exatamente o contrário do que sucede com os habitantes da água doce. Conforme as experiências dos praianos, (sim, os naturais da região litorânea possuem também as suas experiências de secas e de invernos), no ano em que os peixes se reproduzem em grande quantidade, notadamente o peixe cavala, o ano seguinte é de seca. O fenômeno, observado primeiramente por Rodolfo e registrado no seu livro "Secas do Ceará", vem se repetindo sempre que ocorrem as crises climáticas no Estado. Por ocasião da grande seca de 1952, havia em excesso, nos mercados de Fortaleza, não só o peixe cavala como um crustáceo até então de pouca valia: a lagosta; Transportavam-nas em cargas de jumentos e nas carrocerias dos caminhões para os mercados e as feiras-livres de Fortaleza, onde eram vendidas a baixo preço. A fartura era atribuída à seca. Tempo de seca é assim, disse-

nos certa vez um praiano referindo-se à safra de peixes e de crustáceos. Acontece que depois que a lagosta entrou para o mercado internacional, o povo não mais a viu, nem mesmo nos anos de secas. Desapareceu como por encanto. Segundo nos afirmou, certa vez, o pescador Jorge de Souza, residente no bairro do Mucuripe, em Fortaleza, por ocasião das secas, havia crescimento entre certos "viventes do mar", pois até búzios e estrelas-do-mar, que eram espécies pouco vistas, ele estava encontrando na costa do Mucuripe. O fato não deixa de possuir a sua razão de ser. Num debate promovido por uma emissora de televisão de Fortaleza, durante a grande seca que flagelou o Ceará e o Nordeste ultimamente – 1980 a 1983 – os técnicos do "Centro de Pesquisas Climáticas, entre eles Dr. João Ramos Pereira da Costa", apontaram como causa das secas os seguintes fatores: o aquecimento das águas do mar; o aumento da intensidade do calor solar e a intensidade dos ventos alísios. Os primeiros fatores concorreriam, certamente, para o maior desenvolvimento das espécies marinhas em tais ocasiões. Também teria ficado constatado que as secas se repetem dentro de um ciclo que varia entre 13 e 26 anos.

A experiência com as águas subterrâneas

O pavor das secas fez com que os sertanejos se transformassem em verdadeiros pesquisadores dos fenômenos da Natureza. Eles, embora leigos nas chamadas ciências experimentais, passaram, no entanto, a observar os fatos e a tirar suas conclusões. Surgiu de tanta observação, este empiricismo conhecido como "experiências de inverno". Nada lhes escapou da pesquisa, a partir do comportamento do menor ao maior dos animais. Nem as árvores, nem mesmo os astros no espaço sideral. Tudo foi utilizado como objeto de pesquisa. Tinha, pois, razão o pensador Felix Renault em afirmar que "indivíduos incultos testemunham, às vezes, espírito de observação que muitas vezes os sábios não possuem". (24) Como se não bastasse a tais especuladores o muito que haviam pesquisado nas superfícies, entre bichos e plantas, passaram a explorar também certos fenômenos originados no subsolo. É o caso da elevação dos lençóis d´água subterrâneos, tomados como sinal de inverno. Josa Magalhães cita nas suas "Previsões Folclóricas das Secas e dos Invernos no Nordeste Brasileiro" as observações de certo camponês do município de Canindé, segundo o qual os invernos se prenunciam bons, quando as águas das cacimbas e das fontes aumentam consideravelmente de

volume nos fins de ano. São constatações admitidas pelos pesquisadores das ciências experimentais, plenamente explicáveis de acordo com as leis da Hidrostática.

Aves e pássaros, seus cometimentos, sua participação nas experiências de inverno

Já examinamos o comportamento de diversas espécies animais e vegetais ante às mudanças do tempo. Agora vejamos como se conduzem em tais situações as aves e os pássaros - os "bichos de pena" - tão queridos dos nossos matutos. Muitos deles figuram nas lendas, nas histórias e na poesia do povo, cercados das maiores afeições. E tudo está a justificar essa afeição, uma vez que os plumitivos, seja pela beleza das plumagens, seja pela maviosidade do canto, exercem um fascínio irresistível sobre as criaturas. E quando, juntando-se a tão agradáveis atributos, vem somar-se o de advinho ou mensageiro de boas novas, torna-se maior ainda essa benquerença. Comecemos pelo sabiá, tomado como a ave-símbolo do Brasil. A espécie conta com diversos tipos. Só no Ceará vamos encontrar quatro tipos diferentes: a sabiá da mata, a gongá, a sabiá coco e a sabiá branca. São todas aves canoras, de canto muito admirado. Fato curioso - quando em liberdade, só cantam,

quando está chovendo ou quando se aproximam as chuvas. Nos tempos de seca, como se num protesto contra as inclemências da Natureza, eles permanecem de bico calado. Quase o mesmo sucede com outra ave canora também muito admirada dos cearenses, o galo de campina ou cabeça-vermelha. Ele, da mesma maneira que o sabiá, só canta, quando chove ou quando está para chover. Foi o que ouvimos dizer de mais de um passarinheiro em Fortaleza, nas feiras de passarinhos, realizadas noutros tempos. Quanto ao sabiá, existe até uma versão segundo a qual, ele canta três meses durante o ano e fica nove sem cantar. Os três meses de canto seriam os três meses de inverno. Maneira estranha de antever os bons invernos é o da rolinha roxa, mais conhecida por rolinha caldo-de-feijão. Ela, que comumente faz os ninhos no alto das árvores, passa a fazê-lo no rés-do-chão, nas touceiras de capim, sempre que se aproximam os bons invernos. Já com a fôgo-pagô, outro tipo de rolinha, a experiência se faz no referente ao canto. Há quem afirme que ela só canta, quando chove ou quando está para chover. Esta versão, no entanto, parece carecer de fundamento, uma vez que a referida columbófila já teria sido vista a cantar em tempos de estio. Quanto às nambus, a experiência tem por base a procriação. Essa ave, que vive escondida nas capoeiras, é para os matutos uma espécie de relógio vivo. De espaço

de tempo, ela fica a anunciar, através de um apitar compassado e estridente, à maneira de uma sirene, o decorrer das horas. E o faz com uma precisão absoluta. Quando em fins de ano os caçadores, ao abater as nambus, encontram-nas ovadas, dão-se por satisfeitos, pois, segundo acreditam, é sinal de bom inverno para o ano vindouro. As avoantes, ou arribaçãs, ou ainda, pombas de bando, chegam ao Ceará entre fins de maio e começos de junho, exatamente quando finda o inverno e se inicia o verão. Chegam não se sabe de onde, em avalanches de dezenas e até de centenas de milhares de aves, famintas e sedentas. Onde elas baixam, aí se forma o pombal. É uma festa para os moradores dos lugarejos próximo à chegada das avoantes. Não que eles lhes admirem a plumagem ou o canto. As avoantes raramente cantam, e quando o fazem é um arrulhar triste de meter pena. Mas, pela carne, são possuidoras de carne abundante e saborosa e, dado ao acúmulo de aves nos pombais, tornam-se presa fácil dos caçadores. Há quem as extermine aos montes, salgando-as e levando-as para as feiras, onde são comercializadas. É tamanho o massacre das arribaçãs que, recentemente, a Polícia Florestal em uma "blitz" realizada na cidade de Canindé, apreendeu quase um milhão de aves abatidas, prontas para serem comercializadas. Nos anos de secas, surgem como um lenitivo para as populações flageladas.

Quem não as aprecia são os fazendeiros, uma vez que as pombas devastam o que resta nos roçados de milho e de feijão e ainda inutilizam os pastos. Não se sabe ao certo qual a procedência dessas aves. Há quem afirme que elas são oriundas da Costa da África. Que atravessam o Atlântico vindo ter ao Rio Grande do Norte, ao Ceará e a Paraíba, de onde se espalhem pelos demais Estados do Nordeste, entretanto o que não resta dúvida é que são aves de clima quente e que são migratórias, vencendo milhares de quilômetros de vôo em suas arribadas. Não faz muito em Jaguaribe, no interior cearense, um caçador tendo abatido várias delas, encontrou preso aos pés das mesmas, plaquetas de alumínio contendo inscrições em língua inglesa. Eram recomendações de uma estação meteorológica da Califórnia, nos Estados Unidos, solicitando de quem apanhasse aquelas pombas, a devolução das plaquetas que as acompanhavam, o local da apreensão, isso para efeito de estudos científicos. O que vale dizer que as aves antes de ser abatidas em território cearense, haviam percorrido milhares de quilômetros de distância. As avoantes ocupam, igualmente, lugar de destaque nas experiências de inverno dos sertanejos cearenses. É crença que nos anos em que elas surgem em maior quantidade, o ano seguinte é de bom inverno, mas nenhuma dessas pombas para gozar de tanto prestígio junto

às populações do Ceará e do Nordeste do que a asa-branca, apresentada como a mensageira dos bons tempos nas composições do cantor Luís Gonzaga. No Ceará, é tamanha a sua benquerença que até uma entidade promocional do Governo do Estado lhe tomou o nome. Na verdade, essa última, que é ave migratória, desaparece dos sertões durante as estiagens, somente retornando, quando se aproximam as chuvas. Daí serem tomadas como as mensageiras dos invernos. Chegam como portadoras das chuvas. O canto dessas pombas é enternecedor. Pena é que as asas-brancas constituam uma espécie quase em extinção, perseguida pelos caçadores e, principalmente, pelos gaviões. O joão-de-barro é um misto de arquiteto e de meteorologista. Diferentemente dos outros pássaros, ele constrói de argila e nunca com os materiais de origem vegetal as suas habitações, o que serviu para dar-lhe a antonomásia. E com que habilidade ele constrói os seus ninhos! As casas do joão de barro são dotadas de porta de entrada, corredor e camarinha. O arquiteto, porém, cede lugar ao meteorologista, quando se dá a colocação da porta da morada. Onde colocá-la? Voltada para o Nascente ou para o Poente? Quando colocada em direção ao Poente, excelente sinal. Sinal de inverno. Que o pássaro assim o fez com o propósito de defender-se dos excessos das chuvas. Quando, porém, colocada em direção ao Nascente,

uma lástima! O pássaro está a indicar que não haverá inverno, mas, no caso de chover, as chuvas não serão suficientes para incomodá-lo. Acontece que os matutos nem sempre acatam com moderação os prognósticos do meteorologista, quando estes lhes são desfavoráveis. Investem furiosos, destruindo as moradas do joão-de-barro. Tivemos ensejo de assistir a uma dessas cenas de vandalismo em janeiro de 1952, no sertão da Mombaça. Viajávamos em um caminhão, seguidos de numerosos roceiros. Houve uma parada em meio da estrada. Foi quando nos deparamos com um ninho de joão-de-barro, construído com esterco de vaca, a falta de barro molhado. A porta da morada achava-se voltada para o Nascente. Ao vê-lo, um dos circunstantes proclamou o acerto do meteorologista, uma vez que o ano anterior havia sido seco. Logo, porém, constatou haver-se enganado, pois, o material usado na construção apresentava-se umedecido. - Foi construído agora mesmo, - gritou enraivecido. Achou pouco o ano passado? Pois vá agourar assim no inferno! - E munidos de paus e pedras, o reclamante inconformado e outros que a ele vieram juntar-se, destruíram o ninho da ave. Contudo, o joão de barro acertou, porque 1952 foi um ano de seca maior do que o anterior. Uma particularidade do passarinho: diz-se que, quando abandonado pela companheira, encerra-se no ninho, tapa

a entrada e morre de inanição. A cauã é ave de rapina que vive nas matas e se alimenta preferentemente de cobra, das quais é inimiga figadal. É ave anomatopica, o que vale dizer que foi o canto que lhe deu origem ao nome. Goza da fama de anunciadora de invernos. Quando se põe a cantar nas matas, entre os meses de novembro e dezembro, acreditam os matutos seja sinal de inverno para o ano prestes a iniciar-se. Os periquitos, também conhecidos com o nome de papacuns, são pequenas aves de cor verde, pertencentes à família dos papagaios. Eles vivem em bandos nos roçados, alimentando-se de milho e de outras gramíneas, contudo não devastam os milharais como fazem os papagaios. Embora não o fazendo, gozam da fama de devastadores, passando a responder pelo que fazem de malfeito os papagaios. Daí o ditado muito conhecido, segundo o qual "papagaio come milho, periquito leva a fama", citado sempre que se pretende responsabilizar os pequenos pelos desacertos cometidos pelos grandes. Nas experiências de inverno, são tomados como objeto de especulação no tocante as posturas. Eles costumam perfurar os cupins e dentro deles depositar seus ovos. Conforme é crença, só não o fazem, quando os anos se prenunciam secos. Os anuns são aves insetívoras por excelência, vivendo em bandos, de preferência nas ribeiras dos rios e dos açudes. O canto deles desagrada a quem os

escuta. É um gralhado rouco e monótono. Há vezes, porém, em que emitem, em coro, um canto diferente, parecido com o ruído das enchentes nos riachos. Dizem que isso somente ocorre quando está para ter início o inverno. E as andorinhas? São aves gregárias, vivendo agrupadas aos magotes e alimentando-se dos insetos que conseguem apanhar. Graças a seus bicos longos e ponteagudos, os gaviões as respeitam, não ousando delas se aproximar. Nos anos de seca, as andorinhas deixam o interior cearense em busca de outras paragens. Conforme é crença, sempre que passam a voar baixo, chilreando, é sinal de chuva próxima.

A coruja-bode é uma ave de rapina que, a exemplo das cauãs e dos bacuraus, vive metida no meio dos arvoredos. O nome se lhe deve ao fato de seus gritos se assemelharem aos berros dos caprinos. Quando de novembro para dezembro põe-se a gritar, os sertanejos vêem na ocorrência um sinal de bom inverno para o ano a ter início. Os tetéus são aves notívagas de regular tamanho, plumagem preta e branca e canto onomatopaico, que vivem nos matagais próximos aos cursos d'água. Sobre os tetéus correm várias histórias fantasiosas, entre as quais a de que não podem dormir pelo fato de carregarem dois ferrões encravados por entre as asas, contudo o fato incontestável é que se trata de ave notívaga. E tanto é assim que no Ceará sempre que alguém se refere a uma pessoa insone,

diz ser a mesma como o tetéu. Houve, faz algum tempo, no Estado, um destacamento da Polícia do Trânsito com o nome de tetéu, o que pretendia dizer que seus integrantes não dormiam quando em serviço. Nas experiências de inverno, eles são tomados como indicadores de aguaceiros, quando se assanham e ficam a fazer entre si grande algazarra. Já para o Roque de Macedo, quando procriavam em fim de ano, era sinal certo de bom inverno. Outra ave de canto onomatopaico e de muito prestígio como adivinho de chuvas é o três-potes, também conhecido pelo nome de siricóia ou siricora. Trata-se de uma ave pernalta, de plumagem colorida, cujo "habitat" encontra-se nas terras baixas, próximas aos riachos. Os sertanejos costumavam botar os potes nas biqueiras, sempre que escutavam as siricoras a entoarem o seu canto característico: três potes, três potes, porque as chuvas eram tidas como certas. O espetáculo se renova todos os anos, sempre que se prenuncia a chegada da estação invernosa: é a revoada das marrecas; As aves largam-se em bandos, a formar uma linha circular pelo céu, ao mesmo tempo em que solta seus gritos cadenciados, prenunciadores de chuvas. Logo que descobrem um riacho ou um açude, descem e aí se demoram pelo menos durante a estação invernosa. Grandemente perseguidas pelos caçadores que as abatem a tiros, quando não as aprisionam com suas armadilhas, as

marrecas são aves migratórias, arribando sempre que chegam as estiadas. Mas nenhum desses pássaros e aves para gozar do prestígio e da fama reservados aos carões como anunciadores de chuvas. Trata-se de uma ave de cor preta, acobertada de patacas brancas, o que faz com que se confunda com os filhotes de peru. O carão, propriamente, não canta. Ele se reserva emitir uns piados fortes, graves e pausados, soantes como se fossem psius de alguém que ralhasse. Daí o nome que lhe botaram de carão. Sempre que se põe a piar no cabeço dos riachos, os sertanejos suspiram aliviados: "Graças a Deus, como vai chover"! E não se enganam, porque as chuvas não tardam a chegar. Contam-se muitas histórias fantasiosas a respeito da ave em questão. Entre estas, a de certo fazendeiro que tendo construído o seu açude, durante a seca, ansiava por vê-lo cheio. É quando os carões começam a cantar próximo ao reservatório. O dono do açude enche-se de alegria antevendo a chegada das chuvas, mas estas tardavam a chegar, então o fazendeiro põe-se a pedir aos carões para que cantem mais e mais alto a fim de que sejam ouvidos no Céu: - Canta, canta, meu carãozinho de Nossa Senhora! Canta para que a chuva não tarde a chegar. Até que veio um tororó que não tinha fim. Foram três dias e três noites de chuva e de trovão. E os carões de bicos abertos no mundo, cantando sem parar. Temeroso pela sorte do açude,

cujas paredes não tinham sido socadas convenientemente, o coronel de joelhos suplica lhes que parem de cantar. - Chega, chega carãozinho de Nossa Senhora, mas os carões era como se não escutassem. Até que o açude do fazendeiro terminou por arrombar, como temia o dono.

É muito freqüente, nos capinzais, uma patativa do papo amarelo e do costado verde-escuro. Trata-se do papa-capim, uma avezita de canto muito agradável. Quando no cativeiro, o papa-capim faz as vezes de vigilante noturno, denunciando através de fortes piados a penetração de estranhos no local onde ele se acha. Em liberdade, raramente canta nos meses de estio, fazendo-o só, quando chove ou se encontra para chover. A seriema é ave de vôo curto e muita garganta, assemelhando-se com a ema, sua parenta, guardadas as devidas proporções. Alimenta-se de cobras, vivendo nos serrotes e nas chapadas onde dificilmente é alcançada, pois, como acontece com a ema, ela é muito veloz na carreira. O canto da seriema - um canto agudo e compassado - se faz ouvir a longa distância de onde é emitido. Segundo é crença, quando amanhece a cantar, naquele dia choverá infalivelmente. Pássaro de comportamento estranho é o fura-barreira, assim conhecido por ter o costume de furar as barreiras dos riachos onde vai construir seus esconderijos. É pássaro de cor escura, alimentando-se com as minhocas que consegue arrancar

do subsolo. Ao contrário dos outros pássaros, anuncia tempo seco e nunca a chegada do inverno. Isso acontece sempre que ele abandona as ribanceiras dos riachos, em busca dos lugares secos. Com isso pretenderia indicar que a sequidão era geral. Agora vejamos a ema, a maior de nossas aves, considerada como o avestruz brasileiro. Trata-se de uma espécie em vias de extinção no Ceará. Para encontrá-la, só nas quebradas das serras de Baturité e da Ibiapaba, e assim mesmo em número reduzido. Embora o seu porte elevado, chegando geralmente a um metro e meio de altura, a ema é muito veloz, o que a torna difícil de ser alcançada pelos caçadores. Costuma gemer e não cantar, como fazem em geral os pássaros e as aves, quando pressentem a chegada das chuvas. Seus gemidos são altos e profundos, podendo ser ouvidos na distância de vários quilômetros. Nas noites de lua, é comum escutar-se, nos descampados, os gritos alucinantes de uma ave que a todos espanta. É a mãe-da-lua, assim conhecida no Ceará pelo fato de somente se fazer ouvir nas noites de claro. Ela possui dezenas de nomes em todo o Brasil, entre os quais o de urutau. É uma ave esquisita. Não é gregária, sendo vista geralmente só. Pertencente à família das corujas, a mãe-da-lua é dotada de plumagem branca, alimentando-se de insetos e de pequenos animais. Sobre ave de conduta tão estranha corre um sem número de lendas. Dizem que

canta com maior desespero sempre que está para chover. Ao contrário dela que espanta aos matutos com seus gritos desesperados, o bacurau alegra e diverte os caminheiros com a sua cantoria, logo às primeiras horas do anoitecer. São eles pequenas aves noturnas que se colocam a piar sobre os lajedos, silenciando logo que a noite se adentra. Por isso é que no Ceará são apelidados de bacuraus as pessoas que costumam aparecer somente às primeiras horas da noite. Figura entre as aves de bom agouro, costumando cantar somente, quando se inicia a estação invernosa.

Os jacus são aves em vias de extinção no Ceará. Há o verdadeiro, de cor preta e porte maior, e o jacumin, este de porte reduzido. Habitam os jacus nos terrenos férteis, onde se encontrem água e frutas que lhes assegure a alimentação. Muito perseguidos pelos caçadores, emigram durante as secas, somente retornando ao seu habitat, quando se aproxima o inverno. É quando eles são encontrados a cantar embaixo das árvores, fazendo grande alarido. A ocorrência é tomada como sinal de inverno. O xexéu é um pássaro de plumagem colorida que vive em bandos, principalmente na serra de Baturité. O seu canto consiste num chilreado que se assemelha com o barulho das águas cascateantes. Quando se põe a cantar, a ocorrência é tomada pelos roceiros como um aviso de que se acha para chover. São estas as principais

experiências de inverno que se fazem com pássaros e aves no Ceará.

As experiências de inverno na poesia dos violeiros e dos cordelistas do Ceará e do Nordeste - O viver e arte dos poetas populares

As experiências de inverno dos sertanejos, como não podia deixar de ser, encontram-se presentes na poesia dos violeiros e dos cordelistas do Ceará e do Nordeste. Isso porque, vivendo em contacto direto com as populações rurais, ninguém melhor do que estes artistas do verso para interpretar os sentimentos e a cultura dos sertanejos. Ora, a seca e o inverno, conforme vimos, são as grandes preocupações dos habitantes da região mártir. Aqui se passa o ano inteiro pesquisando para saber se choverá ou não com regularidade no ano seguinte, consultando, nesse sentido, os bichos e as plantas, observando-lhes o comportamento, ou ainda penetrando a olho nu, o espaço sideral para saber como se apresentam o Sol, a Lua e as estrelas, a formação das nuvens e a posição dos ventos, uma prática empiricista, sem dúvida, na qual todos acreditam em maior ou menor grau. Mas, da mesma forma que possuem os matutos os seus meteorologistas, seus

farmacêuticos e seus médicos, todos formados na escola da vida, possuem também seus poetas. Estes fazem poesia, ora participando das cantorias, compondo-as de improvisos e acompanhando-as ao som da viola, ora recolhidos em meditação, contando os versos, escolhendo as palavras. Os primeiros são os violeiros, os poetas do improviso. Os últimos, os cordelistas. Acontece que uns e outros gozam de grande prestígio no meio do povo. Para escutar os violeiros no sertão, vem gente de longe, que paga para escutá-los e que não se cansa de passar noites inteiras como espectadores das cantorias, ouvindo-os em seus repentes magistrais, acompanhados ao som da viola. Ninguém os ensinou a fazer verso nem a tocar. Eles aprenderam por si sós, através da observação e do exercício, da mesma forma que outros aprenderam a precisar as mudanças do tempo sem o uso de qualquer instrumental científico, ou a fazer curas aplicando, com acerto, as raízes, as folhas e as sementes dos vegetais, sem que fossem nem médicos, nem químicos, nem farmacêuticos. O modelo literário - é certo - veio de fora, veio da Ibéria. Como fazer poesia com quatro, cinco, seis, sete, oito e dez versos? Quem primeiro experimentou fazê-lo no Brasil, foi Gregorio de Matos Guerra, há mais de dois séculos, entretanto o Boca do Inferno se abriu escola, não ensinou a ninguém fazer poesia. Os violeiros e os cordelistas acharam de imitá-lo,

dando surgimento à poesia popular no Nordeste brasileiro.

"O sabiá quando canta..."

Fizemos alusão, noutro local, às experiências dos sertanejos, no tocante ao comportamento das aves e dos pássaros durante os meses de verão. Eles se conservariam silenciosos, como que num protesto contra as inclemências da Natureza, somente voltando a cantar com o retorno das chuvas. Sabedores dessas particularidades dos plumitivos, dois violeiros famosos, José Bernardino de Oliveira e João Severo de Lima, tomaram o assunto como tema de uma cantoria. João Severo cobrava de José de Oliveira uma falha de sua parte: falara de todos os pássaros e aves, mas se esquecera do carão que, como se sabe, é o principal anunciador de chuvas. José Bernardino, por sua vez, entre os aplausos da assistência, lembrou uma outra ave - o sabiá - na inspirada sextilha que publicamos noutro local. (28) E, com que arte, com que demonstração de conhecimento sobre as experiências de inverno, soube fazê-lo.

A asa-branca, um símbolo para os nordestinos

Coube ao sanfoneiro Luiz Gonzaga, popularizar a asa-branca como a ave-símbolo da região das secas, a mensageira das chuvas no Nordeste. Os artistas são assim: descobrem nas aves qualidades que as pessoas comuns dificilmente perceberiam. Assim foi que vimos Pablo Picasso idealizar a pomba como o símbolo da Paz. Já o nosso Luis Gonzaga vê na asa-branca, a pomba sertaneja, a mensageira das chuvas, a anunciadora, portanto, da bonança para os nordestinos. (27) Já que estamos nos ocupando de aves e de artistas, não podemos esquecer o escritor José de Alencar, o primeiro a introduzir os nossos plumitivos na literatura brasileira, privilégio antes concedido apenas aos espécimens europeus. Sucedeu-se-lhe Gonçalves Dias, com a exaltação poética do sabiá, hoje considerada ave-símbolo do Brasil. Depois desta explanação, examinemos mais detidamente a pomba em referência, o seu habitat e os seus costumes. Maior do que as avoantes e as juritis, a asa-branca é do tamanho de um pombo comum. Costuma viver em bandos de três a seis, construindo seus ninhos no alto das árvores. Alimenta-se dos restos de milho e feijão que encontra nos roçados, emigrando durante as estiadas, nunca, porém, para as regiões distantes, como fazem as arribaçãs. Tão logo

surgem os primeiros sinais de inverno, elas retornam às suas paragens de origem, motivo pelo é tomada como a mensageira das chuvas.

As rolinhas

E as rolinhas? Que dizer das rolinhas? São de várias espécies, diferenciando-se entre si pela cor da plumagem, o tamanho e o canto, geralmente triste e pobre, harmonicamente. Os nomes pelos quais são conhecidas foram-lhes dados, tendo em conta as referidas diferenciações. Desta forma é que temos a rolinha cascavel, a menor delas, de plumagem molhada, lembrando a cobra terrível que lhe deu o nome. Temos a rola azul, maior do que a cascavel, matizada dessa cor, vivendo em meio ao capinzal. E a maior de todas, a caldo-de-feijão, rechonchuda e pesada, quase do tamanho de uma juriti, a cor vermelho-roxa, lembrando o caldo de feijão, todavia entre as rolinhas, destaca-se pela graça e elegância do porte, a fôgo-pagô... de canto onomatopaico, elas costumam arrulhar, de preferência, ao amanhecer, ao meio-dia e ao cair da tarde, como se estivessem a anunciar a mudança das horas. Graças, certamente, a sua mediocridade, o fato é que as rolinhas não lograram, a exemplo do sabiá, da

asa-branca e da juriti, inspirar nossos poetas. Quem as aprecia, até em demasia, são os gaviões. O que é uma pena.

O jumento e sua trajetória: das experiências de inverno à poesia de cordel

Quando nos ocupávamos da personalidade de Roque de Macedo, da sua crença na sabedoria das plantas e dos animais, de seus apodos contra os homens de Ciência, referíamo-nos ao episódio do jumento que teria botado para traz o engenheiro inglês com seu instrumental e seus conhecimentos científicos. Ocorre, no entanto, que o episódio registrado na barragem Poço dos Paus não teria sido o único nessa confrontação entre o homem e o jumento nos domínios da meteorologia, porque antes, muito antes, nos idos de 1878, teria sucedido caso parecido, desta vez com dois meteorologistas franceses que a mando do imperador Pedro II, vieram estudar as condições climáticas do Ceará. O acontecimento tivera lugar, de acordo com o prefaciador de "Meu Seridó" - Jaime Wanderley - na fazenda Alagoinha, de propriedade do coronel José Barbalho, no município de Quixadá. Uma diferença, porém, separava o jumento da barragem Poço do Pau do jumento da fazenda da Alagoinha: é que o primeiro suava

na sombra, sempre que se achava para chover, enquanto que o segundo não costumava suar em tal situação. A experiência com o jegue do coronel se fazia sempre que este buscava refúgio à sombra de um determinado Juazeiro da fazenda. Podia-se, então, esperar que as chuvas não tardariam a chegar. O acontecimento serviu de tema para uma poesia do cordelista Zepraxedi, inserida em "Meu seridó", de sua autoria. Na poesia em referência, o Poeta-Vaqueiro, usando o linguajar estropiado da gente inculta, romanceia, com riqueza de detalhes, os sucessos de jegue Milindroso - este o nome da alimária do coronel Barbalho - jegue este que desacreditou a ciência dos dois meteorologistas itinerantes. Nota-se na poesia romanceada que traz o título de "Astuça de Milindroso", a exemplo do que sucede com outros cordelistas e violeiros, o propósito de enaltecer o empiricismo dos sertanejos e menosprezar os méritos da Ciência e de seus discípulos, haja em vista que ao mesmo tempo em que se enaltecem as predisposições meteorológicas do jegue Milindroso, menosprezam-se os conhecimentos dos homens de Ciência, aparecendo o jegue como mais sabido, melhor conhecedor das mudanças do tempo do que os dois cientistas visitantes, contudo Zépraxedi em "Astuça de Milindroso", poesia que vai transcrita noutro local, (26) revela-se um profundo conhecedor das experiências de

inverno dos nosso sertanejos.

Sertão, inverno, bonança na poesia dos violeiros

Usando de uma linguagem e de uma estilística que os aproxima dos poetas barrocos, aí estão os violeiros, dispostos a exaltar o Nordeste, suas belezas, seu povo e seus costumes. Diferentemente dos poetas do cordel, a composição dos violeiros é feita de improviso, entre os aplausos das platéias que assistem a eles. Isso, entretanto, não os impede de criar, conforme veremos, verdadeiros primores literários. Há muito de medieval, na maneira de ser dos violeiros. Eles se nos apresentam como os continuadores dos cantores de gestas da Ibéria de antigamente. Suas idéias são as dominantes no Sertão, contudo isso não será de admirar, se considerarmos que muito do que acontece aqui recorda os tempos medievais, haja vista a crença que vê em tudo uma determinação divina! Na chuva, no vento, no comportamento dos bichos e das plantas. E que o Homem não sendo Deus, não poderá interferir nos fenômenos de ordem meteorológica. Trata-se de toda uma ideologia que vamos encontrar presente na poesia dos violeiros. Daí, certamente, a benquerença de que desfrutam junto aos simples, à gente sofrida dos sertões. Nas cantorias improvisadas nos terreiros das

fazendas ou dentro dos bares e bodegas, não falta quem se demore, horas a fio, a escutá-los, penetrando muitas e muitas vezes pela madrugada. A assistência participa da cantoria, fornecendo os motes que são devolvidos em forma de versos. Não se paga ingresso para assistir às cantorias, entretanto ninguém se escusa a gratificar os poetas-cantores, colocando na bandeja a um canto, os recursos de que irão necessitar para viver. Afinal, eles também possuem estômago. Na temática dos violeiros, sempre que se referem aos tempos de bonança, surge o inverno, a alegria dos bichos, a ressurreição da terra queimada de sol, sob o impacto das chuvas salvadoras. E ninguém, melhor para descrever momentos de tão grande significação para os nordestinos do que o velho Severino Lourenço da Silva Pinto, mais conhecido pelo cognome de Pinto do Monteiro, um decano da viola e do improviso. Vejamos como Severino, num desafio com Lourival Batista Patriota - outro gigante do improviso - descreve a chegada do inverno no sertão, (27) a alegria dos homens e dos bichos, a fartura, para concluir que nunca vira um cinema, tão bonito. E ficamos sem saber o que de fato mais bonito: se o inverno e a transformação por ele provocada ou se a descrição feita em versos pelo artista. Natural da cidade de Monteiro, na Paraíba, Severino Lourenço da Silva Pinto é muito querido e admirado em todo o Nordeste, onde,

embora quase centenário, ainda diverte as platéias com seus improvisos magistrais. Seus conterrâneos da cidade de Monteiro tratam-no com especial carinho, vendo no velho bardo, o mais ilustre de seus concidadãos.

O telúrico na poesia de Joaquim Anastácio

Outro que nos enternece ao descrever a chegada do inverno no sertão é o violeiro Joaquim Anastácio, também filho da gleba calcinada de Pinto do Monteiro e, como este, tocado da mesma sensibilidade criativa. A poesia de Joaquim Anastácio, como não podia deixar de ser, é uma poesia que prima pelo telúrico. Dentro dela se agita toda a fauna nordestina em alvoroço com a chegada das chuvas. Prova do que afirmamos, encontra-se na sextilha (28) de uma cantoria travada entre Joaquim Anastácio e José Braga de Mesquita. Nela Joaquim Anastácio não fugindo a crença dos sertanejos que vê nas chuvas um presente de Deus, conclui criando uma imagem literária dentro da qual se acha um sapo tomando banho na "caixa d'água do Céu".

As experiências de inverno no cordel de Lobo Manso

Já nos ocupamos, noutro local, do cordelista Lobo Manso e de sua participação na literatura fantástica do povo. Tenha-se em vista o cordel intitulado "O Garrote Misterioso", por sinal uma das raras publicações do Autor. Isso porque, como agricultor, vivendo dos frutos da lavoura e do criatório no sitio Calabaço, Lobo Manso nunca precisou do cordel como recurso para a sobrevivência. Poetava sim, como entretenimento intelectual, longe de pensar em qualquer lucro financeiro. Em "O Garrote Misterioso", o cordelista se detém sobre uma fantasmagoria aparecida por ocasião da 2ª Grande Guerra, amplamente explorada pela imprensa sensacionalista do País. No descrever o aparecimento de zebu, sua fala com o fazendeiro baiano e, por último, o anúncio da profecia do fim do mundo, o cordelista revela o seu alto poder de narrador, todavia, das produções de Antônio Lobo de Macedo - o Lobo Manso - a que melhor se nos apresenta é, indiscutivelmente, a que traz o título de "Poesia contra os Profetas e as Experiências de Chuvas". Nela o cordelista revela o seu cabedal de conhecimentos em torno da cultura popular, suas crendices e suas experiências de inverno. Fato raro é que Lobo Manso, sendo conhecedor profundo das experiências sertanejas, nelas não acredita,

combatendo-as com rigor, bem como aos profetas de chuvas. Nem sequer Roque de Macedo, com toda a sua fama, é poupado na catilinária do poeta de Lavras da Mangabeira. Ao mesmo tempo em que investe contra as experiências de inverno sertanejas e contra os profetas de chuvas, a quem chama de tolos, de pretensiosos impostores, Lobo Manso proclama a sua fé nos poderes de Deus. Tudo estaria a depender da vontade do Onipotente, sem a qual não choveria, de nada valendo, portanto, todas as experiências do homem. Confrontando-se os subsídios contidos na "poesia Contra os Profetas e as Experiências de Chuvas" com outras apresentadas em publicações semelhantes, verifica-se existir uma analogia quanto aos dados e objetos utilizados nas experiências de inverno. De onde se conclui pela sua extensão em âmbito regional. Homem de posses, Lobo Manso, conforme o costume existente entre certos cordelistas, fez da poesia arma de combate contra os adversários de seus princípios políticos. Usando o verso como quem usa o rifle e o fuzil, ele passou a combater velha oligarquia coronelesca existente em sua terra natal, derrubada temporariamente pela revolução de 1930. E logrou na época, não resta dúvida, uma popularidade fugaz, a exemplo do que sucedera com o movimento dito revolucionário. Convém, nessa altura, não confundir Antônio Lobo de Macedo - o

Lobo Manso - com outros dois homônimos seus: João Lobo de Macedo - avô do cordelista de Lavras da Mangabeira - e João Lobo da Mata Brito, todos conhecidos pela antonomásia de Lobo Manso e todos eles poetas, com vivência no século passado. Exceto o lavrense, o qual tendo nascido no ano de 1888 veio a falecer no ano de 1960. (29)

A seca, o inverno, os usos e costumes dos cearenses na poesia de Juvenal Galeno

As alegrias do inverno, os roçados, as colheitas, as vaquejadas, os usos e costumes, enfim, dos cearenses, vamos encontrar descritos magistralmente na poesia de Juvenal Galeno, considerado pela crítica literária como um dos grandes ou, talvez, o maior dos poetas populares do Brasil. Filho de família abastada, Juvenal Galeno não precisou, como os violeiros, de fazer cantorias para ganhar o próprio sustento. Mais do que isso: dispôs de condições para freqüentar escolas, ir à Corte e participar de rodas literárias, desfrutando, inclusive, da convivência com poetas dos méritos de um Gonçalves Dias. Foi a conselho do autor dos "Timbiras" que o poeta que se iniciava resolveu dedicar-se à poesia popular, tomando como

modelo, justamente, os violeiros e os cordelistas. A sua poética segue-lhes os rastros, com a técnica do verso, é verdade, devidamente melhorada. No mais, na maneira de expor as idéias através da quadra, da quintilha, da sextilha, da oitava e da décima, o que vamos encontrar é o violeiro e o cordelista, contudo não se pense que Juvenal Galeno, dada a sua condição econômica e social, tenha sido um poeta de gabinete. Nunca! Ele fazia questão de estar sempre ao lado do povo, das diversas classes que o compõem para, desse convívio, retirar os elementos de que necessitava a sua literatura. É o que ele nos afirma com outras palavras no prefácio das "Lendas e Canções Populares", a sua principal obra. (30) Descendendo de proprietários rurais, acompanhando os trabalhos do campo, o Poeta teve ensejo de participar das alegrias e das tristezas dos nossos rurícolas. Como prova desse convívio aí estão, resistindo à ação destruidora do tempo, poesias como "O Meu Roçado", "O Vaqueiro", "O Boiadão", "Na Eira", "Saudades do Sertão", "O Bargado", poesias que bem retratam o viver dos roceiros e dos criadores, a colheita nos roçados, a fartura temporária, a derruba dos bois nas vaquejadas, mas a bonança é passageira. Para substitui-la não tardarão as grandes estiadas ocasionando a devastação das lavouras, a mortandade dos rebanhos, o surgimento das epidemias. O próprio homem para não sucumbir ver-

se forçado a emigrar, a buscar outras paragens a fim de sobreviver. Também as lendas, as tradições dos cearenses encontram-se presentes na obra de Juvenal Galeno. Considerando estes aspectos é que muitos dos críticos do Poeta classificam como sendo folclórica a sua produção literária, todavia o autor das "lendas e Canções Populares" não se deteve apenas em descrever as vivências do seu povo, sem maiores considerações. Não! Ele foi mais além. E vamos encontrar o crítico social posto a combater os costumes odiosos do tempo da Monarquia, a escravidão, o recrutamento forçado, o cerceamento das liberdades públicas, o arbítrio dos donos do Poder. Através do verso, ele ridicularizaria a nobreza de sua Província natal, os barões de comendas adquiridas, graças ao contrabando de escravos. Abolicionista e republicano, o Poeta se conduziu como um revolucionário na sua época. Mas não foi só. Insurgiu-se contra o processo eleitoral de então, o qual através da farsa e da força descaracterizava o governo supostamente democrático. Embora descendente de grandes proprietários rurais, Juvenal Galeno denunciava a expropriação de que eram vítimas os descendentes dos índios - os antigos donos da gleba - mostrando a necessidade de uma reforma agrária. É esse posicionamento do autor das "Lendas e Canções Populares" que o torna atual ainda nos dias presentes.

Nascido no ano de 1836, Juvenal Galeno morria nonagenário e cego em Fortaleza, sua cidade natal, no ano de 1931. Os cearenses homenageiam o seu bardo, dando-lhe o nome a diversos estabelecimentos de ensino em funcionamento no Estado.

A seca no imaginário do poeta José Ribeiro de Matos

José Ribeiro de Matos, poeta, advogado e folclorista natural de Juazeiro do Norte, tomou a seca como temário para a sua poética. É da autoria do bardo caririense os versos que transcrevemos linhas abaixo, compostos por ocasião de uma das últimas secas que flagelaram o Ceará e transmitidos, primeiramente, por uma estação de rádio e televisão do sul do País. Ei-los:

Quem já viveu numa seca
Ao luxo se pode dar
De desfazer do que digo
Como também apoiar
Pois o que aqui tá escrito
Digo louvando ao Bendito
Foi só de ouvir falar.

A fera tem 7 ventas
1000 garras de gavião
Urra como um demônio
Não tem alma ou coração
Parece um grande jumento
E leva só desalento
Aos cafundós do sertão.

De cada venta sai fogo
Queimando tudo no chão
Cisca e depois se espoja
Lembrando o jeito do cão
Um chifre feito tridente
Que espera a alma da gente
E faz sangrar coração.

Quando há seca no sertão
A vista dói em olhar
Toda planta vira toco
E o chão promete rachar
Muita gente vai embora
Tangida pela piora
Que assola todo lugar.

A terra fica deserta
De bicho que sabe andar
O quixó cai de cansado
Na vereda do preá
Até que cedo se diz
O jeito é comer raiz
Até a caça voltar
Ao meio dia se vê

Ao meio dia se vê
A terra tremer de quente
Nenhuma folha se mexe
Parece tudo dormente
Se tem a forte impressão
Que muito cedo o sertão
Não contará um vivente

No galho do marmeleiro
A cigarra canta fino
Até secar feito folha
Cumprindo à risca o destino
Seu canto parece choro
E a soluçar o besouro
Faz da cantiga seu hino

Nunca se viu coisa igual
Parece até um castigo
A vida só tem piora
E vai perdendo o sentido
Em volta tudo é cinzento
Retratando o sofrimento
Do chão agora esquecido

A noite é quem de mansinho
Mata o dia devagar
Amenizando a quentura
Fazendo a terra esfriar
E o que pode modificar
Se faz até bem bonita
De estrelas pro descansar

Mas quando o dia amanhece
Se dá tudo novamente
A morte chega mais perto
Como se fosse serpente
Até botar numa rede
De fome, mazela e sede
O corpo de um inocente

O sol vem sempre mais quente
Queimando o corpo e a alma
A leva se desespera
Na falta de trégua e calma
Mas segue ainda bem forte
Num desafio de morte
Atrás do jeito que salva

Caveira de todo o bicho
E cruz na terra fincada
Fazem parte do panorama
Em volta de toda estrada
É quando que dá clamor
E faz rogar ao Senhor
O fim da seca malvada

O pior mesmo é a sede
Não se pode jeito dar
A cacimba logo seca
Não adianta cavar
Olhando de norte a sul
O céu está sempre azul
E o certo é mesmo arribar

Fugindo da sequidão
Que mata sem precisar
O jeito é rumar pro Sul
Levado pelo penar
Que faz pensar que a morte
Agora prefere o Norte
Vai prometendo voltar

Aquela gente que arriba
Não tem aonde chegar
Contando só com o destino
Que a sorte pode mudar
Nos olhos leva o lamento
E no peito o sofrimento
Que faz o homem chorar

Passa dia e passa mês
Não tem mais fim o verão
Que abala o senso do crer
Um chora, um pede, outro ora
Se não chegar a melhora
A crença pode morrer.

Notas

(1) - Esta teoria era admitida tanto pela gente simplória como pelas elites conservadoras. Senão vejamos o que publicou o periódico "A Constituição", em suas edições de 20 a 23/11/1879, em um trabalho intitulado "A seca perante a ciência e a religião": - "O fato das secas é um fato natural, sim; mas um fato, acrescente-se providencial | Digam o que quiserem, repetimos ainda, o fato é um só. Deus tem, até hoje, castigado o seu povo, e o Ceará continua ainda atado à coluna da flagelação. "Considerava o articulista que a seca constituída a "o flagelo por excelência, o único no mundo que sabe esmagar um povo, matar uma nação e humilhar o homem na sua arrogância e orgulho, nos seus excessos e crimes". (Citado por Abelardo F. Montenegro em "Fanáticos e Cangaceiros" pg. 20, Editora Henriquêta Galeno).

(2) - Em alguns Estados do Nordeste - como acontece no Ceará e na Paraíba - os invernos normais têm início entre os meses de dezembro e janeiro, terminando de maio para junho. Eis aqui o retrato em versos feito pelo violeiro Severino Lourenço da Silva Pinto, (Pinto do Monteiro), numa cantoria com Lourival Batista Patriota:
" - Em dezembro começa a trovoada

Em janeiro o inverno principia,
Dão início a pegar a vacaria
Haja leite, haja queijo, haja coalhada.
Em setembro começa a vaquejada:
É aboio, é carreira, é queda, é grito
Berra o bode, a cabra e o cabrito
A galinha ciscando no quintal
Um vaqueiro aboiando no curral
Nunca vi um cinema tão bonito".
(Em "Antologia Ilustrada dos Cantadores", de Francisco Linhares e Otacílio Batista).

(3) - Itamar Espindola - "Três Santos Populares no Ceará" - Editora Henriquêta Galeno, Fortaleza, 1979.

(4) - Esta experiência tem respaldo, no entanto, em simples crendice. Como diz Euclides da Cunha em "Os Sertões", é aceitável desde que dela se colha a maior ou menor dosagem de vapor d'água nos ares, e, dedutivamente, maior ou menor probabilidade de depressões barométricas, capazes de atrair o fluxo das chuvas". (Itamar Espindola, obra citada, página 16)
(5) - São muito encontradiças no Ceará as pessoas com o prenome de José. Daí, certamente, o trato popular de "seu Zé" para as pessoas a quem não se conhece, no caso de

pessoas de condição humilde. Trata-se, no entanto, de uma forma indelicada de tratamento.

(6) - Das comemorações em Palácio, por ocasião do 2° Aniversário do Governo Virgílio Távora : Súplica a São José : " - Ó glorioso São José, Padroeiro do Ceará : humildemente imploramos a vossa proteção. Intercedei junto ao Altíssimo para que Ele nos cumule de sua misericórdia, fazendo com que um manancial de benfazejas chuvas banhe o Ceará. Para que as nossas lavouras ressequidas voltem a devolver a alegria ao nosso povo sofrido, e a terra mãe, fecunda e dadivosa, continue a produzir o alimento necessário. Fazei que volte a tranqüilidade aos lares cearenses com um inverno promissor para abastecer os nossos celeiros. Que a iluminação de Deus guie os passos do Governador Virgílio Távora e Dona Luisa, para que com muita saúde continuem a lutar pela prosperidade e bem-estar da nossa gente, com a mesma dedicação, solidariedade demonstradas no decorrer deste 2° Ano de Governo. Colocai-os sob vossa especial proteção, a sua família, e toda a numerosa família do Ceará que, neste instante, suplica a vossa intercessão no Amor de Cristo Jesus.
Fortaleza, 15 de março de 1981
(Publicado na Imprensa Oficial do Ceará - IOCE)

Missa Gratulatória
2° Aniversário - Governo Virgílio Távora
(1981)

Canto Final

Vinde alegres, cantemos,
A Deus demos louvor.
São José exaltemos,
Sempre com mais fervor,
São José a vós nosso amor,
Sede nosso bom protetor
Aumentai o nosso fervor
Vossa grande valia
Venha nos socorrer
Fazendo em nosso Estado
Muita chuva correr.

Hino a São José

Ô São José querido,
Meu caro protetor,
Seja meu canto ouvido
Na glória do Senhor.
O Ceará sofrido
Sem água e provisão

Meu São José querido
Pede tua proteção

Que chova em nossa terra,
Na cidade e no sertão,
No litoral e na serra,
Alegra nosso irmão

São José padroeiro
Mande água por favor,
Mande o Ceará inteiro
Meu Santo protetor.
(Imprensa Oficial do Ceará - IOCE - 1981)

(7) Preferimos dizer experiências de inverno em vez de experiências de chuvas, porque estas podem ocorrer sem que haja inverno. Nunca uma seca é total, caindo geralmente pequenas chuvas ou neblinas. Considera-se ano de inverno aquele em que haja uma queda pluviométrica de pelo menos 600 milímetros, o indispensável para que frutifiquem as leguminosas. Durante os bons invernos caem de 800 a mais milímetros de chuva.

(8) - Aracati: vento alísio vindo da costa d'África e que penetra no Ceará, através da cidade que lhe dá nome. O

Aracati varre, na época do verão, duas vezes por dia o sertão cearense.

(9) - Existe teoria científica procurando demonstrar a ligação das manchas solares com o fenômeno das secas. É autor da mesma Mr. Hull, cientista inglês que viveu muitos anos em Fortaleza, ocupando-se em estudar a ocorrência.

(10) - Várias destas experiências estão citadas por Josa Magalhães em seu magnífico trabalho "Previsões Folclóricas das Secas e dos Invernos do Nordeste Brasileiro", publicado na Revista do Instituto do Ceará, Tomo LXVI (1952). Coincidentemente, o autor deste escrito, nascido e criado no interior do Estado, teve ocasião de ouvi-las dos próprios rurícolas, o que evidencia o alcance, a popularidade, das referidas experiências de inverno.

(11) - Ver "Unitário" de 25/12/1953, Fortaleza,Ce.

(12) – Numa entrevista concedida ao jornal "Unitário", de Fortaleza, edição de 25/12/1953, Roque de Macedo enumerou 12 de suas experiências de inverno, baseado nas quais pressagiava excelente inverno para o ano seguinte. Ei-las;

1° - As fêmeas do tatu estão prontas para dar cria nos primeiros dias de janeiro;

2° - Os pebas já estão com carrapato na barriga. Quando o carrapato aparecer no sovaco dos pebas, a chuva cairá;

3° - A cobra cascavel está muito gorda e com filhotes;

4° - O besouro serra-grosso começou a trabalhar desde o mês de julho e continua nessa faina de derrubar galhos secos de aroeiras e sabiás;

5° - A coruja-bode está espantando os cavaleiros com os seus berros no sertão e a cauã já principiou seus gritos nas matas;

6° - O teteu não foge mais quando alguém se aproxima dos seus ninhos, mas, voa em torno, defendendo-os, e só faz isso quando vai haver inverno, para alimentar os filhotes. Vai aparecer teteu novo em janeiro;

7° - As abelhas de ferrão estão trabalhando ativamente e os marimbondos de chapéu, (experiência do deputado Menezes Pimentel), estão se aproximando das casas-grandes das fazendas;

8° - As marias-de-barro fizeram suas casas com as portinhas viradas para o poente para evitar a chuva;

9° - As maritacacas estão se mudando dos leitos dos riachos para os taboleiros;

10° - Os bacurins atiram palha para o lombo e dão cambalhotas, isso pela madrugada;

11° - Os sapos, os cururus, as gias, estão de boca aberta no mundo;
12° - Está chovendo no Piauí;

(13) – Corre no interior do Ceará mais de uma versão em torno deste e de outros episódios envolvendo jumentos e experiências de inverno;

(14) – Citado por Josa Magalhães em "Previsões Folclóricas das Secas e dos Invernos no Nordeste Brasileiro", publicado na revista do Instituto do Ceará, Tomo LXVL – 1952;

(15) – Ver entrevista de Roque de Macedo publicada no jornal "O Povo", de Fortaleza, edição de 24/4/1981.

(16) – "Unitário" de 25/12/1953, Fortaleza – Ceará

(17) – Josa Magalhães, obra citada;

(18) – Josa Magalhães, obra citada;

(19) – Josa Magalhães, obra citada;

(20) – Roque de Macedo na entrevista concedida ao jornal "Unitário" de 25/12/1953;

(21) – Houve época, no Ceará, em que a carne bovina tornou-se escassa nos açougues. A crise somente desapareceu depois que se passou a importar o produto do Maranhão e Goiás;

(22) – Isto porque no Ceará, considerado a Terra do Sol, não se podia admitir que este andasse desaparecido;

(23) – Lobo Manso no cordel "O Garrote Misterioso", citado por Joarivar Macedo em "O Poeta Lobo Manso", Coleção Juazeiro, do Instituto Cultural do Vale Caririense;

(24) – Joarivar Macedo, obra citada;

(25) – Josa Magalhães, obra citada;

(26) – E, quando juntando-se a tão agradáveis atributos vem somar-se o de adivinho ou mensageiro de boas notícias, torna-se maior ainda essa benquerença;

(27) – Inspirado nessa temática foi que ele nos deu "A volta da Asa Branca", um baião que toca tão de perto à sensibilidade da nossa gente;

(28) – "O sabiá no sertão
Quando canta ele comove,
Três meses passa cantando
E, sem cantar passa nove,
Pois, tem por obrigação
De só cantar quando chove;

(29) – Deus quando manda o inverno
O sapo ganha um troféu
Cai dentro da correnteza
Descendo de imboléu
Se banhando no chuveiro
Da caixa d´água do Céu;

Joaquim Anastácio numa cantoria em Braga de Mesquita – em "Antologia Ilustrada dos Cantadores", de Francisco Linhares e Otacílio Batista.